



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS

NELISE PEREIRA DA SILVA PACHECO

A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS *VITA E A VIDA DE
MINAS*

JARDIM

2017

NELISE PEREIRA DA SILVA PACHECO

A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS *VITA* E *A VIDA DE
MINAS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira.

JARDIM

2017

NELISE PEREIRA DA SILVA PACHECO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS *VITA* E *A VIDA DE
MINAS*

APROVADO EM: _____/_____/_____

Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira - UEMS
Orientador

Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa - UEMS

Prof. Me. Paulo Eduardo Benites - UEMS

PACHECO, Nelise Pereira da Silva.

A poesia de Agenor Barbosa nas revistas *Vita* e *A vida de Minas*/Nelise Pereira da Silva Pacheco. Jardim: UEMS, 2017.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Agenor Barbosa 2. *Vita* 3. *A vida de Minas* 4. *Simbolismo*.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Nelise Pereira da Silva Pacheco

Jardim, 13 de novembro de 2017.

Dedico esse trabalho de conclusão de curso aos meus pais, Luiz Carlos e Dejanira, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde e por renovar minhas forças a cada dia para superar as dificuldades durante a caminhada desse curso.

Ao meu esposo, Adriano, pelo carinho, paciência, apoio e principalmente por vivenciar ao meu lado os mesmo sonhos e projetos de vida.

A minha filha, Lissa, por alegrar meus dias com seu sorriso e seu carinho.

Ao meu pai, Luiz Carlos, minhas irmãs Poliane e Rose e aos meus sobrinhos Caio, Isadora, Larissa e Amanda, todos representados por minha mãe Dejanira, que se ausentou de Brasília vindo para Jardim prestar todo o suporte para que eu pudesse concluir o curso. Sempre faltará palavras para demonstrar minha gratidão.

Aos meus colegas pelos ensinamentos, em especial a Eliane, Meire e Jardeane pelo convívio diário em que compartilhamos lutas e alegrias.

Ao professor Rosicley, por seu exemplo de dedicação, pela atenção e ensinamentos durante a caminhada do curso.

Ao meu professor orientador, Marcos Vinícius Teixeira, por me apresentar o poeta Agenor Barbosa através das suas aulas, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos para execução e conclusão desta monografia, agradeço ainda sua esposa Adriana e sua filha Luísa por serem a base do seu excelente trabalho.

RESUMO

Apresentado por Menotti del Picchia como um “poeta futurista”, visão que é reafirmada em seguida por Oswald de Andrade, Agenor Barbosa nos chegou como um personagem significativo nos antecedentes da *Semana de Arte Moderna*. No entanto, dada a ausência de livros, sua poesia permaneceu desconhecida do público atual. Mais desconhecida ainda é a sua poesia escrita em época anterior, quando publicava nas revistas mineiras *Vita* (1913-1915) e *A vida de Minas* (1915-1916) e o escritor vivia uma fase passadista na qual se observa em seus versos uma dimensão simbolista, muito distante portanto do que chegou a ser chamado de “futurismo paulista”. Nesse sentido, o objetivo desta monografia é estudar a poesia de Agenor Barbosa publicada nesses periódicos, tendo como base as obras de autores que retratam a literatura brasileira como Muricy (1987), Brito (1997) e Bosi (2015). Assim, espera-se resgatar a importância do poeta Agenor Barbosa em seu contexto histórico e na história da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Agenor Barbosa, *Vita*, *A vida de Minas*, Simbolismo.

ABSTRACT

Presented by Menotti del Picchia as a "futurist poet", a view that is then reassured by Oswald de Andrade, Agenor Barbosa has arrived as a significant character in the background of the Week of Modern Art. However, because of the absence of books, his poetry remained unknown to the current audience. His poetry, which is even more unknown, was written in an earlier time when he used to publish in *Vita* (1913-1915) and *A Vida de Minas* (1915-1916) which are magazines from Minas Gerais. At that time, the writer lived a pastism phase and a symbolist dimension in his verses can be observed, very distant from what was called "Paulista futurism". In this sense, the objective of this monograph is to study the poetry of Agenor Barbosa published in those periodicals, based on the works of authors who portray Brazilian literature as Muricy (1987), Brito (1997) and Bosi (2015). Thus, it is hoped to rescue the importance of the poet Agenor Barbosa in its historical context and in the history of Brazilian literature.

KEYWORDS: Agenor Barbosa, *Vita*, *A vida de Minas*, Symbolism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O SIMBOLISMO.....	10
1.1 A presença do Movimento Simbolista.....	10
1.2 O Poeta Cruz e Sousa.....	17
1.3 O Poeta Alphonsus de Guimaraens	18
2 A APRESENTAÇÃO DE UM SIMBOLISTA	23
2.1 A vida e a poesia de Agenor Barbosa.....	23
2.2 As Revistas <i>Vita</i> e <i>A vida de Minas</i>	26
3 A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS <i>VITA</i> E <i>A VIDA DE MINAS</i>	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

A referência que temos a respeito do poeta Agenor Barbosa, em um primeiro momento, está situada no texto “A divulgação da nova estética” de Mário da Silva Brito, momento que é apresentado por Menotti Del Picchia como um poeta futurista, visão que é reafirmada em seguida por Oswald de Andrade. Agenor Barbosa atuou de forma significativa nos antecedentes da Semana de Arte Moderna. A ausência de livro publicado tornou sua poesia desconhecida do público atual. Mais desconhecida é sua poesia publicada em época anterior nos periódicos *Vita* e *A vida de Minas*, momento que o escritor vivia uma fase passadista na qual se observa em seus versos uma dimensão simbolista. Andrade Muricy em sua obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* realizou uma das mais completas antologias da produção simbolista, em que estudou poetas semelhantes, mas não incluiu o Agenor Barbosa. É importante destacar que Muricy afirma não ter acolhido em sua obra todos os poetas com que se deparou ao longo de sua pesquisa. A falta de estudos sobre a vida e sobre a poesia de Agenor ainda resiste. O poeta não é citado por nenhum crítico literário. A partir deste contexto, este trabalho procura resgatar a poesia de Agenor Barbosa e reconhecer sua importância na literatura brasileira.

Este estudo apresenta a poesia de Agenor Barbosa publicada nas revistas literárias e culturais *Vita* e *A vida de Minas* revelando a presença de traços ligados ao movimento Simbolista. O poeta está inserido no universo cultural dos periódicos, pois ao lado de outros poetas publicou seus versos em diversas edições, além de ter exercido o cargo de secretário de redação da revista *A vida de Minas*. As revistas apresentam um valioso registro das poesias de Agenor Barbosa, em que é possível analisar e identificar as características de seus versos.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro estudamos o contexto histórico e literário do movimento Simbolista através de autores como Andrade Muricy, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Sergio Alves Peixoto e Álvaro Cardoso Gomes. São trabalhadas as principais características dessa escola literária partindo dos acontecimentos históricos do século XIX, o surgimento do movimento na França e a chegada ao Brasil, bem como os principais poetas da época. Encerramos o capítulo apresentando pontos que demonstram a extensão de um movimento repleto de poetas que fundamentam a importância do Simbolismo na literatura brasileira.

No segundo capítulo, apresentamos as informações sobre o poeta Agenor Barbosa reunidas após a análise do pouco material encontrado a respeito de sua vida, percorrendo o caminho realizado pelo poeta no universo literário. Também são apresentadas as revistas

mineiras *Vita*, publicada entre os anos de 1913 e 1915, e *A vida de Minas*, publicada entre 1915 e 1916, destacando o público-alvo, o universo cultural da época abordando os acontecimentos da vida social e intelectual, os eventos e poetas importantes, como Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens, Archangelus Guimaraens e José Severiano de Resende ligados à literatura da época.

No terceiro e último capítulo, tratamos da análise de poemas do Agenor Barbosa publicados nas revistas mineiras, destacando a inclinação do poeta ao movimento Simbolista.

Assim, acreditamos contribuir para que o Movimento Simbolista receba uma leitura digna que destaque sua qualidade a começar pela expansão dos poetas que representam o movimento, como Agenor Barbosa, contribuindo para novas possibilidades de pesquisa.

Assim, compreendemos que Agenor Barbosa é um poeta do início do século XX, período em que convive com diversas tendências literárias e guarda uma nítida relação com o Simbolismo através dos poemas publicados nas revistas *Vita* e a *Vida de Minas*, nas quais participam da formação cultural e social, bem como contribuem para resgatar e evidenciar a poesia de Agenor Barbosa na literatura brasileira.

1. O SIMBOLISMO

1.1 A Presença do Movimento Simbolista

Ao resgatar os principais acontecimentos históricos do século XIX, observa-se que o período foi marcado pelo intenso ritmo do desenvolvimento tecnológico e pelo progresso científico. As inovações e descobertas ocorreram em diversas áreas do conhecimento, estabelecendo uma relação de plena confiança em relação à ciência. Um dos principais acontecimentos foi a Revolução Industrial iniciada no século XVIII, mas com grande expansão no século XIX, que marcou o surgimento da indústria, em que a máquina substituiu o trabalho humano. Tais fatos levaram a uma série de transformações na sociedade, como o consumo em massa. Aliado à Revolução Industrial estava o Positivismo que impôs a ciência como verdade absoluta, desprezando outras concepções como a religião e a filosofia. Segundo Alfredo Bosi:

Na cultura ocidental, a partir das revoluções burguesas da Inglaterra e da França, os grupos que se achavam na ponta de lança do processo foram perdendo a vivência religiosa dos símbolos e fixando-se na imanência dos dados científicos ou no prestígio dos esquemas filosóficos: empirismo, sensismo, materialismo, positivismo. (BOSI, 2015, p. 279)

Álvaro Cardoso Gomes destaca o vínculo dos acontecimentos ocorridos com a Revolução Industrial e a ciência:

O intenso desenvolvimento industrial, por sua vez, está aliado ao científico. [...] Mas a relação entre a Revolução Industrial e as ciências não se restringe tão só à invenção por parte destas de um melhor maquinário para o desenvolvimento das indústrias. O progresso industrial, que trouxe inegáveis benefícios à humanidade, tem seu paralelo numa concepção científica e materialista das coisas, que procurava explicar o sentido do universo quase que exclusivamente através da razão. (GOMES, 1994, p. 8)

Segundo Lauro Junkes, autor da obra *Roteiro da Poesia Brasileira – Simbolismo*, os ideais científicistas impostos pelas transformações ocorridas no século XIX motivaram as escolas literárias do Realismo, Naturalismo e Parnasianismo. O Realismo apresentou uma estética anti-romântica pautada no objetivismo, impessoalidade, materialismo, universalismo e na descrição da realidade de forma mais verossímil possível. Já no movimento naturalista, os valores e as características relacionadas à percepção da realidade foram levados ao extremo, marcado pela maior aproximação com a ciência e a visão determinista do homem. O Parnasianismo também apresentou apego ao objetivismo, mas sua grande marca foi a

perfeição formal, com a valorização das rimas e as formas fixas e o compromisso da arte apenas com ela mesma. O Movimento Simbolista não se preocupou com a fama, assim como não adotou a ideologia imposta pelo cientificismo, o racionalismo e o materialismo, o movimento buscou valorizar as formas vagas, a espiritualidade e a subjetividade.

O progresso e as descobertas científicas, antes vistos com otimismo, passaram a revelar uma verdadeira crise. De acordo com Gomes (1994), a produção em massa associada ao aumento do consumo pela sociedade gerou um ciclo em que tudo era transitório, surgindo um mundo fragmentado. A crise refletiu na sociedade, na literatura e nas artes de forma geral constituindo um momento de inquietação marcado pelo processo de indefinição em relação às convicções e valores do homem. O Simbolismo surge como uma nova visão de mundo, marcada pelo pessimismo referente à era moderna.

A antologia da escola literária simbolista revela uma estética que ocorreu paralela e concomitante ao Parnasianismo, ambos em meados do século XIX. Um fato importante para a construção do contexto histórico literário desses movimentos ocorreu com o primeiro número de *Parnasse Contemporain*, na qual é possível identificar do que se tratou o Parnasianismo e a coexistência de poetas parnasianos e simbolistas.

É na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo. O nome da escola vinha de Paris e remontava a antologias publicadas a partir de 1866, sob o título de *Parnasse Contemporain*, que incluíam poemas de Gautier, Banville e Leconte de Lisle. Seus traços de relevo: o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam os realistas do tempo. (BOSI, 2015, p. 233)

O *Parnaso Contemporâneo* serviu de início tanto para o Movimento Parnasiano quanto para o Simbolismo, pois foi um momento que reuniu poetas das duas estéticas, como Gautier, Mallarmé e Charles Baudelaire.

Segundo Afrânio Coutinho, o Simbolismo e o Parnasianismo foram movimentos literários que possuíam características diferentes como a linguagem e o estilo, em que a estética parnasiana buscou a perfeição da forma, já os simbolistas buscavam a essência das coisas. Os dois movimentos permaneceram ora paralelos, ora misturando-se, influenciando os poetas da época e estabelecendo uma era de transição na poesia. Coutinho destaca que:

É assaz curioso esse fenômeno da história literária moderna em que dois movimentos, unidos na origem, identificados ou misturados pelos seus elementos formais e ideológicos na obra dos mesmos artistas, divergem à medida que avançam no tempo, e se tornam paralelos e adversários. (COUTINHO, 2002, p. 319)

A publicação da obra de Charles Baudelaire intitulada *As flores do mal*, em 1857, é considerado um marco do movimento Simbolista. De acordo com Bosi, Baudelaire faz parte da poesia de transição, pois atuou de forma precedente com traço na estética parnasiana e realista, ao participar do *Parnasse Contemporain* e influenciar os poetas realistas. “De Baudelaire assimilam os nossos poetas realistas, Carvalho Jr, e Teófilo Dias, precisamente os traços mais sensuais, desfigurando-os por uma leitura positivista que não responde ao universo estético e religioso das 'Flores do Mal'.” (BOSI, 2015, p. 232). O crítico literário Andrade Muricy em seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* alega que “os nossos simbolistas, quase todos, treinaram o verso dentro dos preceitos parnasianos” (MURICY, 1987, p. 22), o que deixa claro o desenvolvimento dos poetas simbolistas paralelo aos poetas parnasianos.

A obra de Baudelaire marcou a modernidade na literatura francesa, pois mudou a perspectiva no aspecto formal e na temática abordada. Baudelaire extraiu beleza dos temas incomuns no universo da poesia: morte, demônios, maldições, tédio, luxúria dentre outros. Além dos temas, o autor introduziu uma linguagem inovadora despertando a imaginação do leitor. A poesia de Baudelaire registrou um pessimismo em relação as convicções estabelecidas na época. Andrade Muricy destaca que:

Teoria das 'correspondências; doutrina da recuperação da infância; da arte magia sugestiva, contendo a um só tempo objeto e sujeito; a imaginação, faculdade essencial do artista, porque lhe permite recriar o mundo segundo um novo plano. O autor de *Les Fleurs du Mal* foi o grande precursor dos simbolistas. Para ele, como para estes, 'as imagens não são ornamento poético, mas uma revelação da realidade profunda das coisas. (MURICY, 1987, p. 39)

A gênese do Simbolismo também recebeu influência do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. O filósofo defendia a ideia do pessimismo em relação a postura existencial, em que a base do pessimismo se constitui a partir do momento que o homem estabelece como princípio norteador da vida a vontade. Na teoria estabelecida por Schopenhauer “viver é sofrer”, o filósofo afirma que:

[...] a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, é a fonte de todos os sofrimentos. Sua filosofia é, assim, profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. (SHOPENHAUER, 1999, p.10)

Tais reflexões estão presentes na construção do Movimento Simbolista refletindo uma crise cultural gerada pelo progresso e pelas descobertas científicas, antes vistos com otimismo, passaram a desencadear o sentimento de insatisfação, melancolia e pessimismo. Assim, Bosi (2015, p. 280) afirma que “Do âmago da inteligência europeia surge uma oposição vigorosa ao triunfo da coisa e do fato sobre o sujeito – aquele a quem o otimismo do século prometera o paraíso mas não dera senão um purgatório de contrastes e frustrações.”

O pessimismo também estava associado ao sentimento de insegurança e descrença do que estava por vir na transição do século XIX para o XX, a ideia do fim de século e a sensação difusa que tudo iria acabar. Assim, aliada ao pessimismo a visão decadentista se propagava pela Europa. Ocorreu a negação do próprio mundo, o isolamento, o tédio, a deterioração de tudo e a visão da vida como um grande mal-estar. Conforme afirma Sergio Alves Peixoto na obra *A Consciência Criadora na Poesia Brasileira*:

Eis, em literatura, o que se convencionou chamar de primeiro momento do Simbolismo, essa nova visão poética do mundo e da arte em que o eu retoma seu lugar. Sem saber muito bem a que se apegar, desnordeado pela redescoberta de si mesmo em meio a valores gastos e grandiosas mentiras, esse eu só vê incertezas e desilusões. Vive a decadência e dela se alimenta. (PEIXOTO, 1999, p. 193)

O Simbolismo despertou dúvida em relação à capacidade da ciência de explicar e revelar todos os fenômenos relacionados ao homem. É possível observar uma aproximação do movimento simbolista com a estética romântica, conforme afirma Bosi:

[...] o Simbolismo reage às correntes analíticas dos meados do século, assim como o Romantismo reagira à Ilustração triunfante em 89. Ambos os movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas e nestas reconhecem o correlato da burguesia industrial em ascensão; ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto, à técnica de produzi-lo, a seu aspecto palpável; ambos, enfim, esperam ir além do empírico e tocar, com a sonda da poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada. (BOSI, 2015, p. 279)

Contudo, os simbolistas se distanciaram dos românticos ao tratarem a poesia envolvida sob um véu de mistério; algo nunca deveria ser dito ou revelado, mas apenas sugerido. O leitor se deixava levar através dos novos símbolos, do irracional, da musicalidade, do inconsciente e todas as sensações que a lógica não conseguia explicar. A subjetividade é outra característica na qual os simbolistas retomam a estética romântica, porém atribuindo um sentido mais profundo voltado para o interior que ultrapassa o sentimentalismo. O trecho do poema “Antífona” de João da Cruz e Souza apresenta de forma exemplar carga intensa de subjetividade:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luas, de neves, de neblinas...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
e dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
sutis e suaves, mórbidos, radiantes...
(SOUSA *apud* MURICY, 1987, p. 161)

O singular poema “Antífona” remete ao ritual religioso, conforme afirma Peixoto (1999, p. 266): “antífona é um versículo que se entoa antes de um salmo ou de um cântico religioso, devendo ser repetido pelos fiéis, inteiramente e em coro. Nele, portanto, já estão presentes elementos que irão caracterizar a poesia simbolista, isto é, o religioso e o musical.” Peixoto destaca ainda que o ritual religioso presente no poema não está diretamente ligado a uma crença divina. Cruz e Sousa sugere através do símbolo, ao invés de afirmar, preservando o mistério e a subjetividade. “Dessa maneira, o poeta falará, na verdade, dos desejos e anseios de uma poesia que se pretende vaga, imprecisa, mas também, com os próprios símbolos de que é feita, de uma espécie de redescoberta de tudo que se encontra sob as aparências que os nossos sentidos captam.” (PEIXOTO, 1999, p. 267).

O Simbolismo trabalha a expressão poética por meio do símbolo sem definir algo de forma concreta e exata. O símbolo se expressa de forma indireta e perpassa o sentido prático e as percepções objetivas. Sabe-se que a poesia já é tradicionalmente simbólica e transmite uma carga conotativa, assim não se pode atribuir o símbolo como uma exclusividade da estética simbolista, conforme afirma Coutinho:

Nem toda literatura que usa símbolo é simbolista. A poesia universal é toda ela na essência simbólica. Os símbolos povoam a literatura desde sempre. Bastava que o homem procurasse exprimir-se de forma indireta e pela representação figurativa, fugindo à linguagem prática e à fixação do visível. (COUTINHO, 2002, p. 319)

Ao observar a poesia parnasiana, nota-se que os poetas empregaram o vocabulário seletivo e erudito, aliado a exploração do símbolo para atingir a objetividade, construindo a poesia através da razão. Já no movimento simbolista há uma potencialização da carga

simbólica, através de uma nova concepção, que exclui o pensamento racional e desenvolve temáticas mais subjetivas, capaz de envolver o leitor e instigar sua percepção do mundo e da realidade. Para Gomes, o símbolo ao compor a linguagem poética simbolista não permite uma decifração fácil e direta.

[...] os simbolistas pretendiam encontrar as perfeitas correspondências entre o mundo sensível e o mundo abstrato. Desse modo, o símbolo deixa de ser apenas uma palavra ou um conjunto de palavras que serve para evocar um estado de espírito indefinido e cuja tradução jamais é imediata. (GOMES, 1994, p. 30)

A literatura do Simbolismo foi pautada na imaginação e na construção de imagens através da aproximação da poesia com a música, assim a musicalidade é uma das características mais marcantes dos poetas simbolistas. Muricy destaca que “a diversificação da sensibilidade específica manifesta-se principalmente na musicalidade, em termos de uma integração íntima da imaginação verbal na dinâmica geral da função simbolizadora.” (MURICY, 1987, p. 24). Na poesia francesa o grande nome que representa a aproximação da poesia com a música é Paul Verlaine, com o verso “De la musique avant toute chose” presente no poema “Art Poétique”, Verlaine colocou a música acima de tudo. Os principais recursos utilizados para trabalhar a musicalidade são a aliteração e a assonância, para alcançar um maior grau de mistério e potencializar as infinitas sensações transmitidas ao leitor. De acordo com Coutinho:

Além do símbolo, como representação da vida, a poesia simbolista retirava grande efeito dos elementos musicais, tonais e rítmicos, bem como da cor. Foi uma das características da época simbolista a fusão da música, pintura e literatura. Reintroduzir a música na poesia, realizar por palavras o que as notas faziam na música, através da sugestão e evocação, criando uma atmosfera, eis o que idealizava o simbolista. (COUTINHO, 2002, p. 322)

Neste sentido, convém destacar que a ideia dos elementos musicais, tonais e rítmicos, assim como a cor abordada por Coutinho remete ao conceito de matiz, em que o poeta simbolista trabalha a mistura de vários elementos, envolvendo o leitor em um ambiente, no qual desperta os sentidos.

O poema cantado e decantado intitulado “Violões que Choram” do poeta Cruz e Sousa apresenta a conhecida estrofe que exemplifica a sonoridade e através da musicalidade alcança a subjetividade.

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpia dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivos, vãos, vulcanizadas. (SOUSA *apud* MURICY, p.169)

O poema vai construindo uma linguagem repleta de recursos fônicos, como a aliteração do som de “v” e “z”, bem como a assonância e a sincronização dos sentidos através da sinestesia. A fusão da repetição dos sons consonantais semelhantes com repetição das vogais sugere o som do violão, estimulando a imaginação e a intuição através da musicalidade. Segundo Gomes, ao analisar o poema “Violões que Choram”, o poeta Cruz e Sousa trabalha com a sonoridade pura:

O acúmulo da vibrante “vê” junto à sibilante e a alternância das vogais “a” e “o” criam a ilusão de uma continuidade sonora, de maneira que ao leitor interessa mais o som que o sentido. O poeta imita o som de um violão ou de um conjunto de notas musicais, como se o poema devesse se dirigir mais aos ouvidos que à mente. Consequentemente, o poema atinge um grau máximo de subjetividade, não no sentido de que o poema precisa provocar, como na música, em cada ouvinte/leitor, sensações diferentes, a partir dos estímulos sonoros. (GOMES, 1994, p. 33)

De acordo com Bosi, o poeta busca todos os recursos linguísticos para a elaboração de uma nova poética: “A camada fônica move-se para reter sensações inquietas que tudo abraçam sem nada aferrar. Alternam-se vogais nasaladas e consoantes líquidas ou sibilantes que prolongam a duração do fluxo sonoro, já intensificado por aliterações, rimas e ressonâncias internas.” (BOSI, 2015, p. 290). Sabe-se que a música é uma manifestação artística pautada na subjetividade, assim ao buscar uma identificação com outra forma de arte o poeta simbolista estabeleceu a relação com a musicalidade na construção dos versos.

Se na França o Simbolismo foi considerado uma estética relevante, no Brasil o movimento foi secundário comparado ao Parnasianismo, conforme afirma Coutinho (2002, p. 315) “O aparecimento do Simbolismo não logrou afastar a corrente naturalista-parnasiana, ao contrário foi por ela abafado, sob certos aspectos, não tendo logrado senão escassamente impor-se ao registro crítico, e a importância só muito mais tarde foi reconhecida”. Bosi (2015, p. 286) também afirma que apesar das conquistas do movimento, “[...] o Simbolismo não exerceu no Brasil a função relevante que o distinguiu na literatura europeia [...]. Aqui, encravado no longo período realista que o viu nascer e lhe sobreviveu, teve algo de surto epidêmico e não pôde romper a crosta da literatura oficial”. No Brasil, o movimento simbolista não teve grande repercussão, as obras publicadas durante esse período geraram estranhamento e por muito tempo não foram compreendidas, tampouco reconhecidas pela crítica e os leitores da época. O marco do movimento Simbolista brasileiro ocorreu em 1893 com a publicação dos livros *Missal* e *Broquéis* ambos do poeta Cruz e Sousa, principal representante do movimento.

1.2 O Poeta Cruz e Sousa

O poeta Cruz e Sousa nasceu no dia 24 de novembro de 1861 em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Foi conhecido como cisne negro e conquistou dimensão universal na literatura. Seus versos traduziram fatos conturbados e angustiantes que levou durante seu curto tempo de vida. Foi duplamente marginalizado pela intelectualidade da época, primeiro por ser pobre e negro, segundo por pertencer à escola literária do Simbolismo. Peixoto destaca as principais características do poeta Cruz e Sousa:

[...] essencialmente um assinalado, um iniciado, um ser superior que tira sua superioridade do perfeito conhecimento da dor do mundo, de si mesmo e de sua arte. É próprio da condição do poeta retirar beleza da desventura, numa audácia justificada por essa mesma condição de artista. (PEIXOTO, 1999, p. 258)

As obras do poeta Cruz e Sousa não foram reconhecidas dentro dos meios culturais no período de sua publicação, nos quais registram os problemas enfrentados pelo poeta marcado por uma profunda dor. O Soneto “Cárcere das Almas” apresenta valor significativo expressando a angústia de viver, em que o cárcere simboliza o corpo como matéria que aprisiona a alma impedindo-a de ascender.

A vida do poeta Cruz e Sousa foi marcada por relevantes acontecimentos, como o casamento com Gavita Gonçalves, em 1893, mesmo ano do lançamento das suas principais obras *Missal* e *Broquéis*. Com Gavita teve quatro filhos que morreram precocemente, dois vítimas de tuberculose. Por conta disso, sua esposa enlouqueceu. Muricy descreve a trajetória do poeta Cruz e Sousa:

[...] casou-se com uma jovem, também preta, Gavita Rosa Gonçalves, em 9 de novembro. Casado, procurou colocar-se, sendo nomeado praticante da Estrada de Ferro Central do Brasil [...]. Do seu casamento com Gavita houve Cruz e Sousa quatro filhos: Raul, Guilherme, Reinaldo e João, este póstumo, e morto com 17 anos, em 1915, quando cursava o Internato do Colégio Pedro II. Dois dos filhos morreram em vida do poeta, o terceiro logo depois de Gavita, que faleceu em 13 de setembro de 1901. Esteve esta passageiramente louca, o que marcou profundamente a obra do poeta. (MURICY, 1987, p. 152)

A loucura de Gavita serviu de inspiração para Cruz e Sousa que, por este motivo, compôs duas poesias, uma durante a crise e outra quando a esposa saiu do estado de loucura, tais poesias estão inseridas nas obras póstumas *Faróis*, composta por poemas em verso e *Evocações* com poemas em prosa, ambas as obras foram organizadas pelo amigo do poeta Nestor Victor, conforme nos relata Muricy (1987, p. 153): “Em 1896, março, a loucura de Gavita, que durou seis meses, inspirou-lhe duas obras-primas: 'Ressureição', de *Faróis*, e

'Balada de Loucos', de *Evocações*.” O poema em prosa intitulado “Balada de Loucos” reproduz o desfortúnio vivido pelo poeta ao descrever as alucinações da esposa.

BALADA DE LOUCOS

[...] De instante a instante eu sentia a cabeça da louca pousada no meu ombro, como um pássaro mórbido, meiga e sinistra, de uma doçura e arcangelismo selvagem e medroso, de uma perversa e febril fantasia nirvanizada e de um sacrílego erotismo de cadáveres. Ficava tocada de um pavor tenebroso e sacro, uma coisa como que a Imaginativa exaltada por cabalísticos aparatos inquisitoriais, como se do seu corpo se desprendessem, enlaçando-me, tentáculos letárgicos, veludosos e doces e fascinativos de um animal imaginário, que me deliciassem, aterrando... [...] (SOUSA *apud* MURICY, 1987, p. 198-199)

Cruz e Sousa, o poeta dos sons, das cores e das dores, morreu em condições terríveis devastado pela tuberculose, no dia 19 de março de 1898, aos 36 anos. Viveu a miséria de forma extrema, à beira da morte escreve seu último poema impressionando pela placidez absoluta, em que através da situação pessoal demonstra a libertação da situação concreta da vida. Segundo Bosi (2015, p. 294), “o tom de confiança absoluta na salvação pelo exercício da 'vida obscura' e pelo percurso da 'via dolorosa' está presente nos mais belos sonetos de Cruz e Sousa [...]. E este 'Sorriso Interior', testamento espiritual que escreveu pouco antes de morrer.” Apesar do reconhecimento tardio, Cruz e Sousa tornou-se o maior expoente do Simbolismo brasileiro, a trajetória do poeta também revela sua importância no contexto histórico que abriu caminho para outras estéticas.

1.3 O poeta Alphonsus de Guimaraens

O Movimento Simbolista teve grande confluência em Minas Gerais com o poeta Alphonsus de Guimaraens que pautou sua poesia sob o alicerce da morte prematura da prima Constança, seu grande amor, que não se concretizou efetivamente pelo enlace. Poeta de Ouro Preto, sobrinho do romancista Bernardo Guimarães, Alphonsus de Guimaraens é considerado um grande poeta do movimento Simbolista Brasileiro, ao lado de Cruz e Sousa. É interessante destacar um movimento em que os dois grandes poetas praticamente não conviveram juntos. Segundo Muricy, a respeito dos estudos realizados sobre o poeta Cruz e Sousa, sabe-se que “em 1895 recebera a visita do jovem Alphonsus de Guimaraens, vindo ao Rio especialmente para conhecer o poeta a quem preferia dentre todos os do Brasil e a quem chamou 'o extraordinário poeta, o magnífico Cisne Negro' [...]” (MURICY, 1987, p. 153). Os poetas

atuaram em momentos diferentes do percurso do Movimento Simbolista, Cruz e Sousa no início e Alphonsus de Guimaraens mais para o final do movimento.

O misticismo e a religiosidade são traços marcantes na poesia de Alphonsus, conforme afirma Peixoto:

Dono de uma linguagem essencialmente intimista, repleta de uma religiosidade mística e esotérica, Alphonsus destaca-se por entremostrear uma poesia que espelha uma interioridade magoada, tão verdadeiramente sentida, que nele não conseguimos dissociar o verso plangente do recolhimento contrito, do homem fadado à tristeza, fechado às alegrias do mundo. (PEIXOTO, 1999, p. 222)

As principais obras do poeta Alphonsus de Guimaraens, *Septenário das dores de Nossa Senhora* (1899), *Dona Mística* (1899), *Câmara Ardente* (1899) e *Kyriale* (1902) compõem a trajetória do poeta que repetia sua temática sem se tornar monótono, os próprios títulos das obras de Alphonsus já apresentavam a dimensão religiosa, tais características contribuíram para que o poeta pudesse demarcar sua originalidade que o diferenciou dos demais poetas simbolistas. Muricy afirma que:

Foi dos simbolistas menos herméticos, menos supra ou infralógicos. O seu simbolismo é mais de música e sentimento do que de capacidade de sugestão indireta e subconsciente, o que o aproxima de certos simbolistas portugueses (era filho de português). Não porém, de Antero de Quental, nem dos do filão Cruz e Sousa. (MURICY, 1987, p. 448)

Segundo Bosi, existia uma distinção entre a poesia de Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa, o poema “Espírito Mau”, presente na obra *Kyriale*, exemplifica tais diferenças:

No poeta mineiro, passadista e decadente, há um homem preso às franjas de uma religiosidade espantada, cuja função última é a de evocar o fantasma da morte para reprimir os assaltos obsessivos dos três “inimigos da alma”: diabo, carne e mundo. No “Dante negro”, a tensão corpo-alma faz-se dialeticamente, mudando-se a libido e o instinto de morte em fervor espiritual. Daí a diversidade de tom que separa ambos: Cruz e Sousa, denso e entusiasta; Alphonsus, fluido e depressivo. (BOSI, 2015, p. 297-298)

A poesia de Alphonsus de Guimaraens estabeleceu uma marca simbolista, supersticiosa, nostálgica e saudosista da imagem de sua prima Costança que sempre permeou a vida do poeta mineiro. Outra característica que merece destaque é a melodia. Segundo Muricy (1987, p. 450) “Cruz e Sousa, esse preferia a sinfonia, mais do que isso: as vastas polifonias corais. [...] A melodia de Alphonsus, é duma pureza quase única dentro do quadro da poesia simbolista.” O poema “Ismália”, trágico porém belo, assim como o poema “A Catedral” nos remete às características marcantes da musicalidade.

Os acontecimentos vividos pelo poeta Alphonsus e sua prima Constança definem a temática e a melancolia em sua obra. Alphonsus costumava acompanhar sua amada até a igreja São Bom Jesus de Matozinhos, onde os dois rezavam. Constança esperava pela morte, pois tinha tuberculose. Tais fatos estão presentes no poema “São Bom Jesus de Matozinhos”.

Notre Seigneur tel est, tel le confesse.
En ceste foy je vueil vivre et mourrir.
F. Villon.

A José Severiano de Resende, Presb.

São Bom Jesus de Matozinhos
Fez a Capela em que o adoramos,
No meio de árvores e ramos
Para ficar perto dos ninhos.

É como a Igreja de uma aldeia,
Tão sossegada e tão singela...
As moças, quando a lua é cheia,
Sentam-se à porta da Capela.

Vai-se pela ladeira acima
Até chegar no alto do morro.
Tão longe... mas quem desanima,
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!

[...]

Foi pelo meado de setembro,
No Jubileu, que eu vim amá-la.
Ainda com lágrimas relembro
Aqueles olhos cor de opala...

Era tarde. O sol no poente
Baixava lento. A noite vinha.
Ela tossia, estava doente...
Meu Deus, que olhar o que ela tinha!

Ela tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
São Bom Jesus de Matozinhos
Olhava-a como que a chorar...
(GUIMARAENS, 1975, p. 27-28)

O poema apresenta traços do catolicismo, marcado pelo ciclo da morte. Ninguém desiste de completar a romaria, apesar das dificuldades da subida, pois “Ele é o Senhor do Bom-Socorro!” e pode curar as pessoas. Ao final do poema Alphonsus de Guimaraens trabalha a imagem de Constança, no momento em que não há nada mais a ser feito.

Os periódicos literários e culturais que circulavam em Minas Gerais estampam alguns poemas de Alphonsus de Guimaraens, bem como realizaram homenagens para o consagrado poeta. “Ouro Preto” e “Bençã do luar” são exemplos de poemas publicados na revista *Vita*

entre 1913 e 1914. Já os poemas intitulados “Soneto”, “A Catedral”, o poema escrito em francês “Pauvre Lyre” e o conto “Elias” encontram-se na revista *A vida de Minas* entre os anos de 1915 e 1916. Em 30 de setembro de 1915, Alphonsus recebeu um agradecimento pela viagem que realizou em Belo Horizonte:

Alphonsus é, sem dúvida, o mais querido dos poetas mineiros, o que mais forte impressão tem gravado nos espíritos que nasceu para Arte e nos corações que acordam para o Amor. A toda essa geração atribulada pela ânsia da Beleza e pela glória do Sentimento, Alphonsus comunicou os seus sonhos e as suas nostalgias, desvendou a ternura dos Símbolos e iniciou na religião do Êxtase, que é para Nietzsche um princípio de Revelação. (A VIDA ..., 1915, p. 53)

Nesta mesma viagem a Belo Horizonte, Alphonsus encontra-se com seu amigo, o poeta José Severiano de Resende. Os dois foram recebidos com uma festa promovida pelos intelectuais mineiros no dia 25 de setembro de 1915. Após o banquete Severiano de Resende, realizou a leitura de alguns versos de inéditos de Alphonsus de Guimaraens, recebidos com palmas, encerrou com trecho do seu poema “Poema da Mágoa”, que faz parte da obra *Mistérios*.

Poetas de tão faiscante talento, Alphonsus e Severiano bem merecem as homenagens e as reverências daqueles que, sabendo sentir, ainda trazem vivo no peito o fogo sagrado, feito de cânticos e bênçãos, com que se cultuam os artistas superiores e os sábios verdadeiros. Assim o entenderam, para honra nossa, os que vivem para as letras (não os que vivem das letras) nesta cidade de Minas, e houveram por bem distinguir os dois poetas com uma festa consagradora, a que esteve presente o coração e o espírito, e sobre a qual as almas dos homenageados derramaram, sob a forma de poesia, as mais doces suavidades, os pensamentos mais doces... (A VIDA ..., 1915, p. 54)

Outro poeta presente na vida de Alphonsus foi seu irmão Archangelus de Guimaraens, dois anos mais novo, seguiu o exemplo do irmão nos versos. Seus principais poemas foram publicados na obra póstuma *Coroa de Espinhos* em 1955, na qual Alphonsus de Guimaraens Filho organizou e redigiu a introdução da obra.

O poeta Alphonsus de Guimaraens morreu no dia 15 de julho de 1921 deixando três obras inéditas *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, *Escada de Jacó* e *Pulvis*. Alphonsus compreendeu o movimento Simbolista como uma evolução e talhou seus versos com uma linguagem apurada e a musicalidade livre, assim sua poesia influenciou diretamente os poetas mineiros.

Os poetas mineiros Alphonsus de Guimaraens, Archangelus de Guimaraens e José Severiano Resende e outros poetas da época, como Edgard Matta, Ramos Arantes, Mendes de Oliveira, Costa Brasil, Abilio Barreto, Rodolfo Machado, Vargas Junior, Baptista Brasil, Hermes Fonte, Assis Vianna, Bernardo Guimarães, Mário de Azevedo, Agenor Barbosa

publicavam suas poesias em duas revistas culturais e literárias. A revista *Vita*, com edição mensal e A Vida de Minas com edição quinzenal que circulavam no estado de Minas Gerais.

Ao analisar o Movimento Simbolista brasileiro, é possível afirmar que Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens são considerados os maiores representantes dessa estética, mas é preciso conceder notoriedade aos escritores simbolistas menores. Atribuindo como ponto de partida a importante obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, escrito por Andrade Muricy, na qual reúne mais de cem poetas simbolistas, na maioria como o próprio autor revela “A intenção fica, assim, delineada. Aqui estão reunidos, com os realizadores principais, muitos daqueles *minores* e até alguns *minimi*; o que não quer isso dizer que eu tenha acolhido todos os que me depararam.” (MURICY, 1987, p. 18).

O poeta Agenor Barbosa não está incluído na obra de Andrade Muricy, assim como não consta como um dos representantes do movimento Simbolista, apesar da sua atuação no universo simbolista. Assim, fica evidente que o movimento Simbolista que foi por muito tempo marginalizado, acaba por diluir a imagem cristalizada de um movimento sem repercussão e com poucos adeptos, sendo necessário promover a continuidade dos estudos sobre a estética simbolista com objetivo de ampliar sua importância no contexto histórico da literatura brasileira.

2. A APRESENTAÇÃO DE UM SIMBOLISTA

2.1 A vida e a poesia de Agenor Barbosa

Os periódicos *Vita* e *A vida de Minas* apresentam um valioso registro das poesias de Agenor Barbosa. Além das revistas, parte da trajetória do poeta encontra-se na obra *Efemérides Montesclarenses*, de Nelson Vianna, publicado em 1964. O livro reúne o registro de personalidade e fatos que ocorreram em Montes Claros nos séculos XIX e XX.

Agenor Barbosa nasceu em 21 de outubro de 1896 na cidade de Montes Claros, filho de José Fernandes Barbosa e dona Francisca Brasileira de Carvalho. Em 1912 mudou-se para Belo Horizonte e iniciou seu trabalho na imprensa. Escreveu em jornais como *Diário de Minas* e no antigo jornal *Estado de Minas*. Em seguida, em 1916, transferiu-se para São Paulo onde trabalhou no jornal *Correio Paulistano*. Atuou ainda na revista *A Cigarra* que circulava em São Paulo com edição quinzenal.

Em 1922 matriculou-se no curso de Direito em São Paulo e iniciou na função de Oficial de Gabinete do Presidente do estado de São Paulo, na época Washington Luiz, permaneceu no cargo até 1930. No ano de 1926 se formou em Direito e realizou trabalhos como advogado. A revista *A Cigarra* relata esses dois momentos importantes vividos pelo poeta.

O brilhante homem de letras Sr. Agenor Barbosa, que ocupa atualmente, com grande inteligência e rara capacidade, o cargo de oficial de gabinete do exmo. presidente do Estado, teve a gentileza, que nos penhorou imenso, de vir a redação da “A Cigarra” agradecer as homenagens prestadas por motivo de sua formatura pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Aliás nada tinha que agradecer. O seu inconfundível talento e sua distinção pessoal merecem todo nosso apreço, sendo, portando, simplesmente justíssima as homenagens que lhe prestamos. (A CIGARRA, 1927, p. 33)

Além de atuar como jornalista e advogado, Agenor Barbosa foi um poeta que atuou em dois momentos distintos da literatura brasileira. Primeiramente, seus versos publicados nas revistas *Vita* e *A vida de Minas*, no período entre 1913 a 1916, apresentam características do movimento simbolista. O segundo momento, o poeta apresenta poemas vanguardistas ligados ao movimento modernista publicados no jornal *Correio Paulistano*.

Ao analisar o primeiro momento de Agenor Barbosa, observa-se que o escritor mineiro está inserido no universo cultural das revistas, pois publicou seus versos em diversas edições dos periódicos, como: “Da Legenda do Amor e da Vida”, “Aspiração da pedra”, “No S. Francisco” e “Pelo Inverno” publicados na revista *Vita* e “De Icaro”, “Saudade”, “Últimas

Pedrarias” inseridos na revista *A Vida de Minas*, neste periódico atuou como secretário de redação, no qual recebeu destaque por suas atividades na edição 01, de 15 de julho de 1915.

Agenor Barbosa, o festejado poeta mineiro que prestou excelentes serviços à *Vida de Minas*, continua a exercer o cargo de secretário de redação desta revista. O talentoso moço jornalista vai agora dedicar grande parte de sua atividade e os seus melhores esforços ao brilho das páginas da *A Vida de Minas*. (A VIDA..., 1915, n. p.)

Tal homenagem registra a importância e a dedicação dos serviços prestados por Agenor Barbosa, uma vez que a revista *A Vida de Minas* estava surgindo com sua primeira edição em substituição a revista de nome quase idêntico, não fosse a ausência do artigo definido, *Vida de Minas* que desapareceu de circulação no dia 15 de junho de 1915. O novo proprietário da revista *A Vida de Minas* optou por manter Agenor Barbosa como colaborador e fez duras críticas ao antigo proprietário.

A revista viveu o curto espaço de seis meses, e as dívidas que contraiu neste minguido prazo, apesar da aceitação que teve por parte das poucas pessoas que sabem ler nesta terra provam bem a nenhuma capacidade de seu proprietário para administrar publicações de tal gênero. (A VIDA..., 1915, n. p.)

Na revista *A Vida de Minas* Agenor também publicou textos sobre variados assuntos, a exemplo do texto “Um escritor e um livro”, no qual destaca a obra *Monografia Histórica, Geográfica e Descritiva de Montes Claros*, do escritor Urbino Vianna que realizou um estudo profundo desde a lista de dados cronológicos dos acontecimentos importantes até cultura, fauna e flora do município de Montes Claros.

É por essa obra do ilustre publicista Urbino Vianna que nossos administradores conhecerão esta ignorada e importantíssima região norte-mineira, cuja indústria e comércio dia a dia se afirmam, numa expansão civilizadora notável, tanto mais notável quanto esquecida tem sido aquela zona dos favores da pública administração. [...] justificam-se plenamente a simpatia e os gerais aplausos com que foi recebido o excelente livro de Urbino Viana. (A VIDA..., 1916, n. p.)

Ainda no periódico *A Vida de Minas* é possível encontrar informações a respeito de momentos pessoais do poeta, como a edição de 30 de setembro de 1915 que registra o deslocamento de Agenor para outra cidade a fim de tratar uma patologia.

Seguiu para Fortaleza, norte de Minas, o inspirado poeta Agenor Barbosa, nosso boníssimo companheiro, a quem *A Vida de Minas* deve tão lindas páginas de poesia e ligeiros sueltos de forma leve e delicada. Nós que admiramos o belo espírito de Agenor, desejamos ao seu corpo debilitado de poeta a mais prompta reconstituição. E, dentro de poucos meses, esperamo-lo aqui, de novo, onde as suas belas qualidades Moraes o fizeram deveras estimado. (A VIDA..., 1915, n. p.)

Passando para análise do segundo momento do poeta, segundo Alfredo Bosi, Agenor Barbosa ao lado de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Elísio de Carvalho, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, entre outros, foi um poeta que fez parte do grupo de escritores que participaram da *Semana de Arte Moderna*. As poesias de Agenor Barbosa publicadas no *Correio Paulistano* apresentam ligação com a primeira fase do Modernismo no Brasil, momento em que o escritor é tido como futurista por Oswald de Andrade e por Menotti Del Picchia. Bosi destaca ainda que na *Semana de Arte Moderna*, Agenor Barbosa obteve aplausos ao declamar o poema “Os Pássaros de Aço”. Já Mário da Silva Brito destaca como Agenor Barbosa era descrito por Menotti Del Picchia:

[...] Menotti ainda revela a poesia de Agenor Barbosa, afirmando que o autor “é, certamente, entre os ‘novos’ de São Paulo, dos maiores poetas, dos mais atuais, dos mais sentidos”, apontando seu “senso real de arte nova” e exaltando a sua condição de “avanguardista, de bandeirante do credo novo”. (BRITO, 1997, p. 212)

A edição do jornal *Correio Paulistano* de 30 de abril de 1921, na seção “Crônica Social” apresenta o texto intitulado “Um poeta”, em que destaca Agenor Barbosa como um dos maiores poetas de São Paulo. O texto escrito por Hélios, evidencia ainda os traços da poesia de Agenor Barbosa durante aquele período, no momento em que transcreveu os poemas “O Que Eu Vi Nessa Noite...”, “Do ‘Canto Real da Estrada de Rodagem’” e “De ‘Vida Boêmia’”.

Agenor Barbosa é, certamente, entre os “novos” de S. Paulo, dos maiores poetas, dos mais atuais, dos mais sentidos. [...] Quero revelar aos meus leitores as primícias desse talento dando, de primeira mão, alguns versos que me encantaram. Seus poemas são naturalistas integralistas, de acordo com as novas correntes estéticas, fixando assim, numa compreensão integral da função poética de agora, os aspectos da vida violenta e cidadina, dando-lhes contemporaneamente uma significação subjetiva, isto é, a alma imanente que possuem e que os eleitos enxergam. (CORREIO PAULISTANO, 1921. p.3)

Ainda no texto “Um poeta” publicado no jornal foi anunciado a obra intitulada *Poemas da Vida e das Cidades* como o primeiro livro de Agenor Barbosa que seria publicada em breve, tal fato não pode ser confirmado já que atualmente não se encontra nenhum registro do livro escrito pelo poeta.

Brevemente Agenor nos dará seu primeiro livro: “Poemas da Vida e das Cidades”. Será uma numerosa e brilhante revelação. Sua poesia refletirá o grande momento literário e o artista, por ela, se encarta na falange dos que se libertam dos rancidos preciosismos da estética maçuda, que por um milagre da ortopia parnasiana ainda arrasta sua carcaça oca e insignificante nuns livros para quais os últimos aplausos tem cheiro disfarçado de vaia. (CORREIO PAULISTANO, 1921. p.3)

Assim como o livro previsto para publicação não foi encontrado, ainda existem informações a respeito do poeta Agenor Barbosa que geram indagações e servem de bússola para conduzir os estudos sobre sua vida e obra, como a data de sua morte e publicações em outros periódicos que irão complementar os questionamentos que hoje estão respondidos. Fica claro que o poeta em estudo tem muito a nos revelar no contexto da literatura brasileira.

2.2 As Revistas *Vita* e a *A vida de Minas*

O estado de Minas Gerais até o final do século XIX possuía a cidade de Ouro Preto como a capital. Em 1897 foi inaugurada a cidade de Belo Horizonte que desde sua construção foi planejada para sediar a nova capital mineira. Belo Horizonte também conhecida como “Cidade Jardim” por suas paisagens possui um rico acervo histórico que preserva o seu processo de construção. As revistas literárias e culturais *Vita* (1913-1915), com edição mensal, e *A vida de Minas* (1915-1922), com edição quinzenal, circulavam em Minas Gerais e são exemplos que retratam o universo cultural da época abordando os acontecimentos da vida social e intelectual, os eventos relacionados à política, economia, esporte, moda e literatura.

A revista *Vita*, lançada em julho de 1913, surgiu dezesseis anos após a Inauguração de Belo Horizonte. Já a revista *A vida de Minas*, dezoito anos depois. Os dois periódicos apresentam um rico registro de fotos e textos sobre os acontecimentos da cidade que estava no início de seu crescimento.

As revistas possuíam uma seção dedicada a homenagear as autoridades da alta sociedade como médicos, juízes, advogados, desembargadores, engenheiros, políticos entre outros. Cada edição apresentava a foto do homenageado destacando a trajetória profissional e as ações desenvolvidas no estado de Minas Gerais. Outra seção destinada ao agradecimento dos superiores da época era o registro da infância belohorizontina que apresentava os filhos das autoridades. As senhoras e senhoritas da época também ocupavam espaço nas colunas das revistas, sempre registrando o estilo bem produzido e o cenário requintado. Em homenagem às mulheres, a revista *Vita*, a partir da edição número cinco, de 30 de novembro de 1913, passou a instituir uma nova seção intitulada “A Hora Chic” destinada a registrar os assuntos relacionados à moda, às mulheres elegantes e o que era produzido pelos melhores ateliers de costura da capital mineira.

É importante destacar que a revista reservava espaço para publicações sobre o movimento feminista do Brasil como o divulgado na edição nº 11 de 20 de abril de 1914.

Mais um congresso feminista, em Berne... A existência da mulher moderna já não pode ter a quietude da vida da matrona romana, que se limitou a ser virtuosa e a fiar lã; nada conhecendo além do estrito horizonte doméstico. Mudaram-se os tempos. A violeta do lar quer sair e trazer para a praça pública uma voz nova, destinada a nova intensidade ao clamor lancinante e confuso, que surge de todos os pontos do mundo, que sobe de toda as planícies para todas as montanhas, exigindo dos que dominam um lugar melhor para os que são dominados. E, assim as reivindicações feministas argumentam o numero e a gravidade dos males que flagelam a nossa época[...]. (VITA, 1914, n. p.)

A cidade de Belo Horizonte estava em intenso progresso em diversas áreas, um grande exemplo é o vasto movimento de propaganda que incluía diferentes atividades comerciais nas edições das revistas. Outro aspecto que registra o progresso da época é o registro fotográfico de diversos pontos da capital mineira e as principais cidades do estado de Minas Gerais.

Ao explorar o universo cultural das revistas é possível observar os eventos esportivos como um lazer para a sociedade da época. Apesar de não dedicar uma seção exclusiva dedicada ao esporte, ao longo das edições as revistas apresentam informações sobre os campeonatos de Box e de futebol. Na edição nº 01, de julho de 1913, a revista *Vita* fez uma crítica ao falar sobre o esporte, que precisava ser mais explorado e ampliar as práticas esportivas.

É, deveras, difícil a tarefa de escrever sobre Sport em Belo Horizonte. O *turf* não existe; a natação e o remo não podem existir; o tênis é desconhecido. Aqui desde que fale em esporte, entende-se que quer dizer futebol; essas duas palavras tornaram-se sinônimos; todas as nossas sociedades esportivas cultivam exclusivamente o futebol. E isso é triste. Nas nossas condições atuais, vários outros gêneros de esporte podiam desenvolver-se paralelamente a esse tão querido futebol. (VITA, 1913, n. p.)

Apesar do crescimento, nota-se a crítica realizada em relação a ausência e precariedade do esporte na cidade, resumido ao futebol, destacando o atraso e a necessidade do surgimento de outros gêneros do esporte como natação, tênis e o ciclismo.

Os assuntos dedicados a arte eram altamente abordados nas revistas proporcionando uma atenção para divulgação dos artistas e às suas produções. Os espetáculos eram uns dos exemplos de diversão da sociedade da época. “Odeon Cinema” através das propagandas nas edições das revistas divulgava as atrações como “A excelente orquestra sob a direção do hábil maestro Henrique Passos” (VITA, 1913, n. p.). O espaço tinha como *slogan* “É a casa de diversão preferida pela nossa Élite Social” (VITA, 1913, n. p.). Outra atração divulgada nas páginas das revistas era a exposição de quadros do estimado pintor Anibal Mattos. Um verdadeiro acontecimento de arte para a população de Belo Horizonte. Destaca-se uma breve,

mas importante reportagem sobre a obra *Tartarin de Tarascon*, do poeta e dramaturgo francês Alphonse Daudet, publicado na revista *Vita*, destacando a adaptação da obra para o teatro.

Ha mais de vinte annos, a figura de Tartarin de Tarascon infunde a sua jucundidade na literatura franceza, sem parecer nem grotesca, nem envelhecida. E agora se mostra também sobre o palco, parecendo mais que nunca divertida e joven. O auctor dramático, que ousou levar á scena a immortal creatura de Alphonse Daudet, é Lèò Marchès. Este converteu o romance de Tartarin nos Alpes em uma comedia em 5 actos, que, desde fins do mez passado, tem sido acolhida muito festivamente pelo publico que procura o theatro da Porte Saint Martin. (VITA, 1913, n. p.)

Ressalta-se a relevância da divulgação para o leitor da época, uma obra publicada em 1872 que narra as aventuras de um personagem fanfarrão, ingênuo e fantasioso na cidade no sul da França.

Como revista literária, *Vita* e *A vida de Minas* publica textos de diversos autores, alguns já falecidos a saber: Mamede de Oliveira, Edgard Matta, Ramos Arantes, Mendes de Oliveira, Costa Brasil, Abilio Barreto, Rodolfo Machado, Vargas Junior, Baptista Brasil, Hermes Fonte, Assis Vianna, Bernardo Guimarães, Mário de Azevedo, Gastão Itabirano, Paulo Brandão que abriram caminho com a publicação de diferentes poemas, alguns inéditos para as edições dos periódicos. Dentre os poetas mineiros consagrados encontram-se os simbolistas Alphonsus de Guimaraens, Archangelus de Guimaraens e José Severiano Resende.

Afonso Henriques da Costa Guimarães, conhecido como Alphonsus de Guimaraens, nasceu em Ouro Preto, em 24 de julho de 1870. Ao lado de Cruz e Souza é um dos maiores representantes do Movimento Simbolista no Brasil. Quando jovem foi noivo de sua prima Constança, que morreu ainda na adolescência de tuberculose, o que marcou profundamente sua vida e a sua obra. Sua poesia é marcada pela mística e pela religiosidade católica. Segundo Bosi:

Alphonsus de Guimaraens foi poeta de um só tema: a morte de sua amada. Nele centrou várias esferas do seu universo semântico: a natureza, a arte, a crença religiosa. Mas não devemos cair na tentação de chamá-lo poeta monótono, a não ser que se dê à monotonia o valor positivo que ela assume em poetas maiores, um Petrarca ou um Leopardi, que souberam aprofundar até às raízes o seu motivo inspirador, permanecendo-lhe sempre fiéis. (BOSI, 2015, p. 296)

A edição nº 05 da revista *Vita* de 30 de novembro de 1913 relata grande homenagem ao poeta Alphonsus de Guimaraens.

Merece a solidariedade de todos os intelectuais mineiros a Idea feliz que tiveram alguns beletistas de Juiz de Fôra, chefiados por Belmiro Braga, Alberto Olavo

(Mario Mattos) e Franklin Magalhães, de se realizar ali uma grande homenagem a Alphonsus de Guimaraens, o excelso artista do misticismo, o cinzelador de *Dona Mística* e de *Kyriale*. O glorioso poeta, recolhido ao seu retiro de Mariana, opulenta diuturnamente o patrimônio literário de Minas, burilando versos impecáveis suavíssimos, que são uma delícia para os que cultuam a grande Arte, a entendem e a estimam. (VITA, 1913, n. p.)

Outro poeta a aparecer nas revistas foi Arcanjo da Costa Guimarães, conhecido como Archangelus de Guimarães, nasceu em Ouro Preto em 1872, seguiu a poesia religiosa do irmão “de sangue e de alma” Alphonsus de Guimaraens. Publicou seus poemas em várias edições das revistas *Vita* e *A Vida de Minas* “Funeral de Um Anjo”, “Alguém”, “Velhinas”, “Ballada”, “As Raparigas de Minha Terra”, “Ouro Preto”, “Poentes”.

Aliado ao grande amigo Alphonsus, o poeta José Severiano de Resende também publicou seus versos nos periódicos. Dedicou-se determinado tempo ao sacerdócio, em seguida passou a exercer o jornalismo. Seus poemas abordam temas amorosos, religiosos e sobre animais. A edição nº 5/6 da revista *A Vida de Minas*, de 30 de setembro de 1915, relata a visita dos poetas Severiano Resende e Alphonsus de Guimaraens.

Como a primavera que anda aí por fora, Belo Horizonte teve a visita de dois dos mais completos cultores do Verso em nosso país – Alphonsus de Guimaraens e Severiano Rezende. Após a embaixada de luz, de cores vivas e suavidades elevadoras da natureza caprichosa, quiseram os deuses propícios conceder a esta cidade a graça de acolher em seu seio uma outra embaixada da Beleza e da Harmonia, já acreditava junto aos nossos corações por essas credenciais sublimes que são *Dona Mística*, *Kiriate* e *Paineis Zoológicos* [...]. Severiano é o Simbolista da Natureza. Quem o lê tem a impressão de que o poeta, depois de muito sofrer entre os homens incompreendido e torturado, abriu o coração como uma túnica de ouro, para envolver de amor as cousas da terra que têm aspirações de céu, os animais humildes ou impetuosos, desde os que vivem nos charcos aos que andam nos desertos. Em toda miséria encontrou uma grandeza, em todo lodo, uma resta de sol. (A VIDA..., 1915, n. p.)

Outros poetas como Olavo Bilac e Da Costa e Silva foram destaque nas edições das revistas. O poeta Da Costa e Silva possuía estilo próprio e inconfundível no qual trabalhava a musicalidade entre o som e o sentido em cada verso. Seu primeiro livro de poesia, *Sangue*, de 1908 teve grande sucesso. Atuou como colaborador da revista *Vita*, da qual recebeu distinta homenagem.

Da Costa e Silva é um grande poeta. Publicando – *Sangue* – livro admirável, em que a concepção bizarra moldou-se a uma forma impecável, o moço artista inscreveu-se desde logo entre os que merecem a consagração definitiva das rodas cultas. Ideias, emoção, opulência de imagens, harmonia, correção absoluta – nada falta as rimas triunfais d’esse inspirado burilador do Verso. (VITA, 1914, n. p.)

Já o poeta Olavo Bilac nasceu no Rio de Janeiro, no dia 16 de dezembro de 1865. Por sua popularidade ficou conhecido como O Príncipe dos Poetas Brasileiros, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Escritor de grande importância para a literatura, pois conseguiu traduzir o pensamento nacional em uma linguagem cantada sob o domínio do sentimento, com grande espontaneidade na linguagem e na métrica. Escreveu o “Hino à Bandeira” declarando todo seu amor pela pátria. Além de poeta foi cronista, crítico literário e também escreveu livros didáticos. As edições da revista *A Vida de Minas* publicaram alguns de seus poemas e cartas endereçadas ao diretor da revista. A edição nº 21 apresenta uma ampla e rica reportagem sobre a visita de Olavo Bilac a Belo Horizonte, desde a sua chegada na estação de trem, onde estavam presentes muitos admiradores, o registro da comissão encarregada de receber o grande poeta. Felix Claudio redigiu um texto no qual narra todos os fatos da visita de Olavo Bilac à redação da revista *A Vida de Minas*, em seguida o registro do baile oferecido ao poeta pelo Clube Acadêmico, momento em que Bilac fez uma admirável conferência sobre o escotismo. Posteriormente, a visita ao Instituto João Pinheiro e a Escola Normal da Capital; o almoço oferecido pelo Grande Hotel e encerrando com sua despedida na estação de trem.

Ainda dentro do universo literário a primeira edição da revista *A Vida de Minas*, de 15 de julho de 1915, exibiu a tradução de dois poemas, “*Nascer*” e “*Morrer*”, do escritor indiano Rabindranath Tagore, premiado com o Nobel de literatura de 1913.

O premio Nobel, no penúltimo ano, foi descobrir para nós na Índia misteriosa, apontando-o alto à reverência admirativa do mundo, um poeta cuja lira, pela suavidade de seus carmes e profundidade de pensamento, guarda e repete os mais expressivos e sonoros rumores dos rios ocultos do sentimento e da harmonia. Rabindranath Tagore é esse estranho cantor, profundamente misterioso: a nota dolorida soluça na fluência cantante de todas as suas poesias, unidas e iluminadas sempre por um halo de bondade translúcida e infantil; mas a dor que o inspira é a grande dor sem vozes que acabrunha e abate a alma, descobrindo o espírito. O seu verso límpido não decai nunca na retórica, por que é traçado sempre para ser sentido por todos. (A VIDA..., 1915, n. p.)

As revistas *Vita* e *A vida de Minas* apresentam também informações do ensino, com fotos das professoras e seus alunos nas escolas de várias cidades do estado de Minas Gerais. A revista *Vita* organizava o Concurso Literário para as traduções dos poemas de escritores estrangeiros e a pedido dos leitores criou a Seção Gramatical: uma coluna destinada a ensinar a falar e escrever corretamente, em que estimulava os leitores a enviarem suas dúvidas e realizava o modelo de análise lógica de uma frase. As edições da revista *A vida de Minas*, da mesma forma, respondendo ao desejo dos leitores estabeleceu uma coluna com resumo das

regras gramaticais, como na edição nº 19, de 15 de maio de 1916, que apresenta o resumo das regras de colocação dos pronomes direcionado às professoras primárias do estado.

No cenário político os periódicos publicavam relatórios e editais dos órgãos públicos mineiros. Informações sobre o governo como as Atas da Assembleia Geral e as Mensagens do presidente do estado também eram publicadas na íntegra. Algumas edições informavam aos leitores a equipe de governo e todas as obras realizadas até o término do mandato, em seguida anunciava o novo grupo de trabalho, bem como as solenidades realizadas em comemoração ao aniversário do governo. Mas as revistas também abriram espaço para crítica. Através de quadras o escritor nomeado como Fritz usava expressões simples com linguagem popular e a riqueza temática para manifestar reclamações ao governo.

QUADRA

Para conjurar a crise

E a falta de numerários

Basta que o Congresso corte

Nos meses extraordinários. (VITA, 1913, n. p.)

Assim, verifica-se a riqueza de conteúdo trabalhado nos periódicos, em que é apresentado o resgate de uma época. As revistas *Vita* e *A vida de Minas* cumprem papel importante no auxílio da pesquisa a respeito do poeta Agenor Barbosa.

3. A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS *VITA* E *A VIDA DE MINAS*¹

As revistas *Vita* e *A vida de Minas* são fontes de pesquisa importante para o resgate do contexto histórico do poeta Agenor Barbosa, pois apresentam publicações de uma poesia que restaura uma época expondo uma parte da literatura brasileira que precisa ser conhecida.

Assim, apresentamos a análise de poemas² encontrados nos periódicos mineiros, destacando a escrita do poeta no momento em que vivia uma fase passadista, na qual se observa em seus versos a dimensão simbolista.

O poema a seguir foi publicado na revista *Vita* em 06 de junho de 1914.

No S. Francisco

Para Columbano Duarte

Nesta noite de lua é que o luar da saudade
Ronda o meu coração, meu coração povoa...
A aza da Nostalgia estende-se... A canoa
Resvala e essa tristeza agônica me invade...

E eu que trago o meu peito assim, na obscuridade,
Como a face estagnada e erma duma lagoa,
sinto a onda luminosa e fecundante e boa
rolar do coração de luz da imensidade...

E o rio vai descendo: arfa, soluça e chora...
Uma vela se esfuma, ao longe, o luar descora
E a viola anda a gemer, sonâmbula, chorando...

No silêncio de em torno, ao brando murmúrio
da canção que agoniza, o soluçar do rio
é a alma de Paulo Affonso, estática, rezando!...
(VITA, 1914, n. p.)

Ao iniciar a leitura do soneto composto por doze sílabas poéticas, o título chama a atenção para uma apresentação do cenário imagético, carregado de simbologia e inserindo o leitor em um universo poético repleto de imagens, musicalidade e sensações. O título relata um importante curso de água do território brasileiro, o Rio São Francisco, que possui sua nascente localizada na Serra da Canastra em Minas Gerais e o seu curso atravessa cinco estados brasileiros.

O poema apresenta características marcantes do movimento simbolista como a linguagem sugestiva. O Simbolismo buscou estabelecer uma relação entre o mundo abstrato e

¹ No decorrer do desenvolvimento desta monografia, participei da VII Semana de Letras – “Ensino e pesquisa na área de Letras: desafios e perspectivas” da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, apresentando uma comunicação sobre a poesia de Agenor Barbosa. O presente capítulo é um desdobramento do texto apresentado nesse evento.

² Todos os poemas foram transcritos realizando a atualização ortográfica.

concreto, assumindo uma estética marcada pela subjetividade. Alfredo Bosi afirma que nesta estética ocorre “A passagem da tônica, no nível das intenções: do objeto, nos parnasianos, para o sujeito, nos decadentes, com toda a seqüela de antíteses verbais: matéria-espírito; real-ideal; profano-sagrado; racional-emotivo” (BOSI, 2015, p.285).

Retomando a leitura do poema de Agenor Barbosa, a subjetividade está presente na primeira estrofe, em que o eu lírico associa a lua ao luar da saudade. Naquela noite de luar é que a saudade se fez mais forte intensificando a dor. No verso “Nesta noite de luar é que o luar da saudade” o poeta evoca a lua para expressar o sentimento, transmitindo um estado de espírito correspondente à paisagem noturna. Seguindo a composição da paisagem, o sentimento é disseminado e prolongado, nos dois últimos versos da primeira estrofe: “A aza da Nostalgia estende-se... A canoa / Resvala e essa tristeza agônica me invade...” o conjunto de palavras forma uma seqüência de significados sugerindo que o eu lírico segue nesta canoa e desce suavemente as águas do rio embalado por uma tristeza que o agoniza.

A segunda estrofe apresenta uma continuidade ao sentimento de tristeza. Nesse quarteto, o eu lírico compara a tristeza com as águas de uma lagoa, que são contidas em um espaço restrito com pouco fluxo; as águas não correm por outro caminho, isso aumenta a impressão de isolamento e solidão. É quando surge um sentimento bom comparado a uma onda luminosa que faz contato com outros sentimentos.

Os simbolistas renovaram a linguagem poética ao trabalhar a sonoridade, de acordo com Afrânio Coutinho. O movimento simbolista, segundo ele, aproximou artes distintas buscando elevar a condição da poesia.

Além do símbolo, como representação da vida, a poesia simbolista retirava grande efeito dos elementos musicais, tonais e rítmicos, bem como da cor. Foi uma das características da época simbolista a fusão da música, pintura e literatura. Reintroduzir a música na poesia, realizar por palavras o que as notas faziam na música, através da sugestão e evocação, criando uma atmosfera, eis o que idealizava o simbolista. (COUTINHO, 2002, p. 322)

Na seqüência do soneto, temos os sentimentos representados por um rio que corre, se movimenta mesmo aos prantos. A imagem da vela que se apaga remete à morte, em um espaço de penumbra deixado pelo luar que se descora. No verso “e a viola anda a gemer, sonâmbula, chorando...” é possível observar a melodia que influencia os sentimentos do eu lírico causando melancolia. A viola faz uma referência nítida a um instrumento musical popular da cultura brasileira. A relação da viola com o rio que vai descendo pode ser associado às diversas formas de afinação que o instrumento possui, uma delas é a afinação

“viola rio abaixo”³, com uma sonoridade única faz menção a um encantador de almas presente nas lendas dos violeiros. A tristeza orienta o curso das águas do rio.

Ao final do soneto, o eu lírico revela que o curso do rio é a alma de Paulo Afonso. As quedas de água que formam a cachoeira de Paulo Afonso se espalham e revelam a obscuridade de uma alma inerte. A cachoeira soluça como quem chora fazendo alusão a uma pessoa que deixou saudade. Assim como a vela que se esfuma, a canção agoniza, o que possui duplo sentido: por um lado, temos uma canção triste, por outro, é uma canção que morre, como um moribundo que agoniza diante da própria morte. O poema, nesse sentido, exprime intuições que nos revelam pouco a pouco uma tristeza agônica de um eu lírico que segue para sua própria morte.

Outro soneto de Agenor Barbosa que possibilita observarmos em seus versos uma linguagem e um tratamento do tema ligados à estética simbolista, traz em seu título a denominação do próprio gênero. Vejamos:

Soneto

Era minha ambição, pelas estradas
Que assim vou palmilhando, hoje sozinho,
ir, contigo, filhinha, de mãos dadas,
todo envolvido pelo teu carinho.

Volto de horas de febre já passadas
Estupefato, trêmulo, velhinho,
vendo a juncar-me as ilusões quebradas,
toda a larga extensão do meu caminho.

Triste, esboroado o sonho no meu peito,
hei de seguir sonâmbulo, chorando,
transfigurado, pálido, desfeito,

para a Ventura que não conheci...
para onde vejo, eterna, me acenando,
toda a esperança, toda, que eu perdi !...
(VITA, 1914, n. p.)

Publicado na revista *Vita*, os versos decassílabos são marcados pela aflição e decadência de um eu lírico que tenta afastar o descontentamento da própria realidade, manifestando o lamento, a desilusão e o transtorno. Logo no primeiro verso o eu lírico anuncia seu intenso desejo de viver uma vida diferente da sua realidade. O descontentamento de trilhar a estrada da vida, agora sozinho, revela o sofrimento com a ausência da filha, o fato de lhe ter sido furtado viver ao lado dela, repleto de carinho e atenção.

³ O livro *Uma viola rio abaixo*, do autor Angelim, relata informações sobre a famosa afinação de viola “Rio Abaixo”.

Imagem significativa no soneto está no entrelaçamento das mãos, que permitiriam ao pai prosseguir pelas estradas, que agora caminha esvaído de sentido, de maneira outra, venturosa. Ao signo da mão vazia, a pendular sem vida no ritmo do andarilho, soma-se um outro entrelaçamento, mas agora marcado pelo verbo juncar, que, de junco, revela um caminho dificultoso em que a vegetação se revela um obstáculo a quem ousa prosseguir. Neste caso, o juncar se refere à figura do pai, que, envolto a ilusões do passado, se vê caminhando numa estrada de larga extensão, o que apenas aumenta a sua solidão e sofrimento na vida que não se finda. As horas de febre, no entanto, ficaram para trás, apesar de o homem que segue não ter mais motivos para viver. A perda da filha recebe, no poema, um tratamento delicado pelo uso do diminutivo, podendo traduzir também a ideia de criança pequena e, nesse sentido, a significação de vida interrompida.

Se ao ser visto pela sua exterioridade, este pai caminha por uma estrada que lhe é refratária e possui o semblante estupefato, o corpo trêmulo e velho, pelo seu interior não é diferente e o leitor encontrará um universo infindável de tristeza, pois o sonho, que o alimentava feito chama de vida, desmoronou-se. À vida da filha que começava e foi interrompida liga-se o sonho golpeado e destruído. Os versos que caracterizam o ser que vai só possuem riqueza sonora que vale notar: “ei de seguir sonâmbulo, chorando, / transfigurado, pálido, desfeito”. Verifica-se aí um esquema bastante interessante na utilização das assonâncias. Os dois versos são heroicos e podem ser divididos em duas partes cada um em relação ao seu universo sonoro. As quatro primeiras sílabas poéticas do primeiro verso revelam um trabalho com os fonemas *e* e *i*, enquanto que no restante do verso predomina a assonância com os sons das vogais *a*, *o* e *u*. No verso seguinte, esta musicalidade aparece ao contrário, permitindo um quadro sonoro preciso, bem ao gosto da estética simbolista. Enquanto o primeiro terceto demonstra, tanto por seu aspecto musical quanto pela semântica dos termos enumerados, o estado de tristeza em que caminha a figura do pai, pintando-lhe o caminhar, no último terceto, marcado pela preposição “para”, aponta-se o destino inexistente, marcado pela negatividade.

Os poemas de Agenor Barbosa carregam algumas características que se repetem como a linguagem sugestiva, as imagens que remetem a um ambiente isolado e sombrio, jogo sonoro das palavras atribuindo valores fonéticos, a musicalidade, o pessimismo, estado de decadência e palavras marcadas por letras maiúsculas. Tais características fazem com que o alicerce da poesia de Agenor Barbosa tenha marcas significativas do Movimento Simbolista. Coutinho destaca as principais características deste movimento:

A poesia foi separada da vida social, confundida com a mística, explorando o inconsciente, à custa de símbolos e sugestões, preferindo o mundo invisível ao visível, querendo compreender a vida pela intuição e pelo irracional, explorando a realidade situada além do real e da razão. (COUTINHO, 2002, p. 321)

Nessa perspectiva o soneto a seguir de Agenor Barbosa reafirma as marcas do Simbolismo.

(Ad Me Ipsum...)

Meu desejo de Alegria e meu Orgulho! Quando
Eu vos sentir quebrar em meio da amplidão...
E de face risonha e de interior chorando
Renunciar ao meu Sonho, à Glória, à Perfeição...

Quando vier o momento em que, te proclamando,
Eu te sinta morrer, minha santa Ambição...
E crendo vivo o meu Orgulho venerando
Sentir que ele falhou dentro do coração...

Quando tudo for pó, tudo for ruínas,
Meu Sonho, meu Porvir, esse Ideal que alimento
Este Amor, esta cruz que arrasto nos meus dias...

Quando tudo for pó, sem soltar um lamento,
Lembrarei como o Sol, cego de pedrarias,
Bendizando o meu Sonho, à luz do firmamento!
(A VIDA..., 1915, n. p.)

Pode-se dizer que este poema composto por doze sílabas poéticas, publicado na revista *A vida de Minas* em 01 de setembro de 1915, transmite uma subjetividade pautada na intervenção pessoal, sendo guiada por uma voz na primeira pessoa. O próprio título é direto ao empregar a frase em latim “Ad Me Ipsum” que significa “Para Mim Mesmo”, nota-se assim que o poema é estritamente focado no eu lírico. É importante destacar que o título foi colocado entre parênteses, o que o torna mais introspectivo.

Ao analisar a estrutura do poema, observa-se que pode ser dividido em duas partes: a primeira compreende doze versos, ou seja, do primeiro ao décimo segundo verso, na qual está subordinada ao “Quando”: “Quando [...] sentir”, “Quando vier” e “Quando [...] for”. A segunda parte compreende os dois últimos versos “Lembrarei como Sol, cego de pedrarias / Bendizando o meu Sonho, à luz do firmamento!” que conduz para o fechamento do poema trazendo uma espécie de resposta para os versos anteriores. O verbo lembrar no futuro do presente: “Lembrarei” possui um sentido mais enfático e decidido.

Deve-se notar também que todas as estrofes possuem a palavra “Quando” marcando um modo e um tempo verbal, o futuro do subjuntivo, expressando eventualidade e possibilidade, ou seja, indica uma ação que poderá se realizar. Com exceção da primeira

estrofe, todas as outras são iniciadas com a palavra “Quando”, o que sugere uma projeção futura aliada a algo que se imagina como inevitável, como a ideia da morte trabalhada desde a primeira estrofe “Quando eu vos sentir quebrar em meio da amplidão”, momento em que o poeta utiliza o “vos” para fazer referência ao “meu”, no caso “meu desejo de Glória” e “meu Orgulho” criando um distanciamento ao relatar seu próprio sentimento. Assim, ao perder o desejo de Glória e o Orgulho, o poeta transmite a ideia de renúncia à vida. No decorrer do poema a ideia se mantém como uma progressão que vai se tornando mais forte, como na oração “Quando tudo for pó” que se repete, a concepção de morte é mais intensa. No primeiro verso da terceira estrofe, a palavra “ruinarias” ajuda a corroborar a ideia de morte, nesse caso, podendo ser associada à destruição.

Em sua trajetória, o eu lírico parece estar se preparando para o caso de não atingir os desafios da Glória e da Perfeição e tal atitude justifica o uso insistente da palavra “Quando” nos versos. O poema transmite ao leitor a ideia de preparação para a morte de todos os desejos efêmeros. Ao encerrar o soneto é possível observar uma tranquilidade relacionada ao eu lírico “Bendizando o meu Sonho, à luz do firmamento!”. Ao final o que resta é somente o “Sonho”.

Até aqui o poeta Agenor Barbosa nos revelou uma tristeza agônica de um eu lírico que caminha para morte presente no poema “No S. Francisco”, em “Soneto” a decadência e descontentamento de um eu lírico sem motivos para viver em decorrência da ausência da filha, em seguida o soneto “Ad Me Ipsum” revela a renúncia de viver do eu lírico ao perder a alegria, o orgulho, a glória e a ambição. Neste momento abordaremos o poema “Saudade”, publicado em 15 de junho de 1916 na revista *A Vida de Minas*. O poema permanece inserido na composição de inclinação simbolista, com características marcantes do subjetivismo, a sugestão composta por novos símbolos, estabelecendo novas imagens, assim como a sonoridade dos versos através da musicalidade.

Saudade...

Saudade... Como a tarde, vai morrendo
Tua lembrança dentro da minha alma...
Vais lento e lento... desaparecendo...
Como na tarde, a voz pausada e calma
da carrilhana de algum burgo antigo...

Ao crepúsculo, pálido, cantando
Tua memória dolorosa, sigo
Como um velhinho antigo... recordando...

Saudade... Olhar perdido... alma perdida...
Olhar que se olha a estrada percorrida
Só vê desilusões pelas estradas...
[...]

Saudade... Estradivário indolente
surdinando Chopin, como um segredo...
A tarde morre... Comovidamente
olho o orvalho chorando no arvoredos...

A saída do féretro do Dia
vão-se acendendo estrelas lento... lento...
Numa piedosa e triste romaria,
a Noite chega pelo firmamento...

Plange um sino lá longe... plange um sino
lá longe, na distância, ermo e pausado...
Saudade... mãe velhinha do Destino,
conta a história de dor do meu Passado...

[...]
(A VIDA ..., 1916, n. p.)

O título do poema, “Saudade”, deixa claro a temática trabalhada por Agenor Barbosa, em que se utiliza vários elementos constituindo diferentes cenários para tratar sobre o pessimismo a que esta saudade remete. Nos versos “Saudade... Estradivário indolente / surdinando Chopin, como um segredo...” pode-se depreender que a saudade produz um som indolente que surdina Chopin, como algo que precisa ser mantido em segredo, ou seja, de forma oculta. O verbo surdinar nos remete a expressão: tocar em surdina, que se refere a um objeto colocado no instrumento musical para abafar o som. O Estradivário, em latim *Satradivarius* é nome atribuído a um tipo de violino, criado por Antonio Stradivari. O instrumento tornou-se uma raridade pelo som preciso e profundo e por ter a capacidade de produzir mais sons que os outros tipos de violinos. Essa ideia de raridade foi explorada pelo movimento simbolista na busca por elementos incomuns para transmitir o pessimismo, o negativismo e a angústia.

No verso “olho o orvalho chorando no arvoredos...” verifica-se a assonância com o som da vogal “o” que atribui maior expressividade ao poema, pois intensifica a musicalidade e o ritmo. Já no verso “Plange um sino lá longe... plange um sino” o aspecto musical é representado pelo sino que produz um som distante que anuncia uma tristeza. O sino é muito utilizado na tradição católica como um instrumento que dependendo do badalar pode anunciar a morte, marcar as horas das orações e proclamar boas notícias. A simbologia do sino remete ainda ao anúncio do passado e futuro.

Nos versos “Saudade... mãe velhinha do Destino / conta a história de dor do meu Passado” destacam-se “Destino” e “Passado”, ambos escritos com as iniciais maiúsculas gerando identidade e especificidade aos termos. O eu lírico faz da saudade algo intrínseco à própria realidade, pois possui um papel importante sobre o destino. A existência da saudade

não só é anterior à existência do destino, como nele está contida e dele faz parte. O destino ocorre a partir da saudade, assim as histórias de dor de um passado interferem na construção do futuro.

Nos poemas analisados, encontram-se temas que conduzem para a construção do perfil poético de Agenor Barbosa como morte, tristeza, saudade, decadência, pessimismo, isolamento, solidão, entre outros. Para compreender a poesia de Agenor Barbosa não podemos analisar essas palavras como um todo, mas sim atribuindo uma experiência e um valor a cada uma na construção do poema.

A exploração do tema morte, em sua poesia assume um caráter sutil. Tomemos como exemplo do poema “No S. Francisco”, em que o eu lírico percorre todo o seu curso de tristeza à medida que vai trilhando seu caminho rumo a própria morte. Observa-se o segundo verso do primeiro terceto “Uma vela se esfuma, ao longe, o luar descora” em que a construção das imagens remete pouco a pouco à ideia da morte. O poema intitulado “Soneto” o eu lírico nos remete dois caminhos para a morte, sendo o primeiro associado à perda da filha e o segundo ocorre pela luta da ausência da filha, momento que a vida perde o sentido. O significado de morte é ampliado, não estando associado somente à perda da matéria.

Ao fugir das expressões encontradas nos poemas anteriores surge o poema intitulado “Sonho dantesco”, publicado na revista *Vita* em 07 de setembro de 1914. A data de publicação já faz referência ao contexto de um dos fatos mais importantes ocorridos no Brasil em 1822, momento em que foi proclamada a Independência da colônia brasileira até então subordinada à corte portuguesa. Em 1914 tal fato completou seus 92 anos, mas além da temática da Independência do Brasil, a data de 07 de setembro também remete à guerra, sendo este o principal tema abordado pelo poeta Agenor Barbosa no poema “Sonho dantesco”.

A Guerra!... Todo horror das batalhas sem termo
aclara, pela boca escura dos canhões,
a atroz desolação de um Continente ermo,
o Crime a tripudiar sobre Legislações!...

E o Imperador sublime, o visionário enfermo,
sonha ver tremular, entre fulgurações,
nas praças de Paris, a Águia, feita estafermo,
heroica, a afugentar o bando das Nações!

E a fogueira fatal, que extermina e que desce
Ao nível primitivo e ilumina, até o fundo,
dores e provações, glórias de toda espécie,

não consegue levar ao coração oriundo
de uma raça de heróis, a ver o que merece
a ambição genetriz do holocausto de um mundo!... (VITA, 1914, n. p.)

O poema possui uma estrutura em relação ao tema que pode ser dividida em três partes: a primeira está restrita ao primeiro quarteto, no qual observa-se o tema: A Guerra!, na segunda parte localizada na segunda estrofe surge uma figura importante, que seria o responsável pela guerra, o “Imperador sublime, o visionário enfermo”, a terceira parte fica a cargo dos dois tercetos que traz uma espécie de reflexão, fazendo uma alusão, por meio de um símbolo, o fogo representado pela fogueira fatal.

O título escolhido aborda uma questão intertextualizada como o poema “Navio Negreiro” de Castro Alves, do qual a expressão poética “sonho dantesco” remete à indignação do eu lírico com a realidade vivida pelos escravos no século XIX. Já no poema de Agenor Barbosa expressa o terror vivido pela guerra.

Existem alguns elementos no poema que conduzem para um contexto bem específico: a I Guerra Mundial, que ocorreu entre os anos de 1914 e 1918. Ao analisar o cenário anterior à Primeira Grande Guerra, sabe-se que entre os anos de 1870 e 1914 o mundo viveu as experiências do período da *Belle Époque* marcado pelo crescimento econômico e tecnológico. Tal crescimento também gerou tensão entre as grandes potências estabelecendo uma disputa pelo mercado mundial o que determinou os primeiros sinais para a Primeira guerra. Assim, a primeira estrofe inicia a terrível descrição da guerra. A ideia de “o crime a tripudiar sobre Legislações!...” remete a atitudes que atropelaram as leis revelando o excesso de crueldade em um “Continente ermo”, isto é, um lugar vazio de conflitos até então. Sabe-se que em tempos de paz, a lei é para que as pessoas vivam em sociedade com seus direitos garantidos e suas obrigações determinadas. Em tempos de guerra o crime assumiu a supremacia em relação à legislação tripudiando com a ética, a moral, os costumes e os princípios.

A segunda estrofe faz referência ao “Imperador sublime”, que pode ser interpretado como a imagem de um líder maior, logo em seguida tal imagem é contraposta a um “visionário enfermo”, o que cria uma espécie de paradoxo: de um lado, há o “sublime”, que significa elevado, próximo ao divino, fazendo referência à imagem do líder divinizada, do outro lado, está a palavra “visionário”, que exprime a ideia de ambição demasiada e o excesso pelo grandioso e majestático, ou seja, desejando a grandeza de uma Nação. Seu desejo era ver tremular a bandeira com a “Águia” “nas praças de Paris”. A simbologia representada pela “Águia” traduz o espírito de liderança e vitória, bem como a imponência e a força.

Os dois tercetos, como já dito, fazem uma reflexão, tornando-se necessário ler os dois juntos, sem interrupção, para que a ideia se complete. Como dito, a “fogueira fatal” pode ser lida como a falta da razão que faz tudo descer ao nível mais primitivo e ilumina, isto é, chama

atenção para as dores e provações, o que justifica a guerra. No entanto, a fogueira fatal não consegue levar o coração do herói a entender e refletir sobre a ambição que destrói e dar origem a um “holocausto de um mundo”, palavra grega que significa “sacrifício”, logo possui uma carga semântica muito forte associada ao sofrimento de todo um povo.

Ao analisar as estrofes é possível ainda estabelecer uma conexão com a ideia contida na primeira estrofe, “aclarar” pela luz dos canhões, ou seja, a luz produzida pelos tiros, e a luz da “fogueira fatal” presente no primeiro terceto. No primeiro caso, os canhões aclaram somente “o horror das batalhas sem termo”, assim como a iluminação da fogueira revela as dores e atribulações de uma guerra.

Agenor Barbosa nos primeiros poemas analisados apresenta uma poesia passadista ligada ao movimento Simbolista. Já no soneto “Sonho dantesco” aborda um tema incomum para o período marcado pela estética simbolista. Publicado em 1914 o poema apresenta indícios das características do Pré-Modernismo ao abordar um fato histórico que envolve questões sociais e trabalha uma temática que posteriormente será exaltada pelos modernistas. A linguagem do poema não retrata a subjetividade explorada nos poemas anteriores. Assim, a trajetória de Agenor Barbosa caminha de uma poesia passadista para uma poesia vanguardista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma apresentação e análise da poesia de Agenor Barbosa publicada nos periódicos *Vita* e *A vida de Minas* no período entre 1913 e 1916, destacando as características do movimento Simbolista. Agenor é desconhecido do público atual, pois não publicou livro assim como não é citado por nenhum crítico literário.

Verifica-se assim, que a poesia de Agenor Barbosa encontrada nas revistas mineiras do início do século XX permite situar uma fase passadista do escritor em que o universo simbolista é evidenciado de forma importante. Desconhecida hoje dos leitores e da própria crítica literária, essa fase contribui para que haja um resgate do universo literário deste escritor, sempre lembrado pela ideia do futurismo paulista que Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia buscaram ver na nova poesia que antecedeu a *Semana de Arte Moderna*. O termo passadista surge para essa fase do autor não como uma diminuição da estética simbolista, posto que sua poesia ligada ao Simbolismo é rica e merecedora de um resgate maior que permita a sua avaliação crítica, mas pelo fato de sabermos que este poeta trilhará caminhos diferentes pouco tempo depois em sua atividade literária e que já havia condições nos anos de publicação das revistas de encontrarmos textos pré-modernistas ou mesmo ligados à estética Art Nouveau, como propõe José Paulo Paes ao repensar uma avaliação estética desta mesma época.

Segundo Brito, no texto “A divulgação da nova estética”, o futurismo foi um movimento de cunho artístico e literário que atuou de forma significativa na cidade de São Paulo, associado à primeira fase do Modernismo, em que os escritores se opuseram a movimentos anteriores e propuseram algo novo. Brito (1997, p. 211) destaca que “Os escritores moços de São Paulo adotam atitudes de antagonismo ao passado, ao realismo, às escolas românticas, parnasiana e regionalista [...]”, na qual estabeleceu a ruptura da sintaxe com a elaboração de poemas em verso livre, manifestando uma inovação na escrita, ou seja, uma nova estética. A imagem urbana é uma forte característica desse futurismo, assim como o ritmo acelerado ao falar e as comparações inéditas. No texto Brito apresenta ainda alguns poemas do Agenor Barbosa como: “O Que Eu Vi Nessa Noite...” que revela uma fase vanguardista, um momento de muita mistura das estéticas literárias, entre a morte, o antigo, a obscuridade e o mistério, nos versos “Velho cofre de sândalo, dormente / que guarda o aspecto de um caixão macabro” conduzindo para novos aspectos com amostras da estética futurista através da preocupação do poeta em trazer a imagem da cidade de acordo com o

verso “A chuva desce sobre o asfalto... Olho a calçada...”. Outro aspecto está relacionado a linguagem apresentada de maneira coloquial, o que faz alusão ao Modernismo.

Ao identificar nas revistas *Vita* e *A vida de Minas* a poesia de Agenor Barbosa com inclinação voltada para o movimento simbolista e ao apresentar o poeta em outra fase, na qual publica poemas vanguardistas ligados ao Movimento Modernista, o que abre caminho para uma nova pesquisa, este estudo resgata a trajetória literária de Agenor Barbosa, destacando a evolução e a transição entre uma poesia passadista e uma poesia vanguardista, além de resgatar a importância desse poeta no contexto histórico da literatura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

A CIGARRA. São Paulo, n. 294, fev 1927, p. 33

ANGELIM. *Uma viola rio abaixo*. Brasília: Thesaurus, 2014.

A VIDA de Minas. Belo Horizonte: [s.n], 1915-1916. Quinzenal. Não paginado.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOSI, Alfredo. A intuição da passagem em um soneto de Raimundo Correia. In: BOSI, Alfredo (org.) *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2003, p. 221 – 238.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo brasileiro: antecedentes da semana de Arte Moderna*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Na Sala de A aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: era realista era de transição*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.

ELLIOT, T. S. *A essência da poesia* [tradução: Maria Luiza Nogueira]. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons e Ritmos*. São Paulo: Ática, 2000.

GOMES, Álvaro Cardoso Gomes. *O Simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia*. 3.ed (org por Gladstone Chaves de Melo). Rio de Janeiro: Agir, 1975.

HÉLIOS. Um poeta. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 30 abr 1921.

JUNKES, Lauro. *Simbolismo*. São Paulo: Global, 2006. (Coleção roteiro da poesia brasileira).

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, v.1, 1987.

PACHECO, Nelise Pereira da Silva; TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *A Poesia de Agenor Barbosa nas Revistas Vita e A vida de Minas*. In: VII SEMANA DE LETRAS UEMS–, 2017, Mato Grosso do Sul. Anais eletrônicos. Disponível em http://eventos.sistemas.uems.br/assets/uploads/eventos/d5bc482d21d1b74ecbb627ed049a96a4/anais/1_2017-08-15_11-21-24.pdf. Acessado em: 16 ago. 2017.

PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEIXOTO, Sergio Alves. *A consciência criadora na poesia brasileira: do barroco ao simbolismo*. São Paulo: Annablume, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

VIANNA, Nelson. *Efemérides Montesclarenses – 1707-1962*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1964.

VITA. Belo Horizonte: [s.n], 1913-1915. Mensal. Não paginado.

ANEXOS

C.F./b-011



Da Legenda do Amor e da Vida

A' sombra do alcacer dessa torre de Sonho
erra a imagem final do meu amor tristonho,
leve, branca, subtil, errabunda, soturna,
de alto manto talar, outornal, taciturna,
aureolada de luz, vaga e pontifical,
da Legenda do Amor, como o heroe de São Graal.

E a minha dor sem fim á minh'harpa morrente
ha de cantar o cysne uma canção dolente
e triste. Ha de cantar... E a delicada trama
de sonho que, nimbando-a, a rutilar se inflamma
em crysoprasiões, vem, pelo ar morno e parado
com reverberações de tempio illuminado.

E a Noite desce inquieta. E o meu violino geme...
O' alma de Schumann, dorme. O meu violino treme
pela noite inquieta e morna, erma e silenciosa.
O' papoula de sangue, ó chrysolito, ó rosa!
O' perfume incolor de aureos pomos lethaes
desse corpo aromal que eu não terei jamais!

Quando a Treva subtil de grandes tranças pretas
e olheiras de Soi-Por, desabrocha as violetas

dos canteiros ao som de harpa sonora alangue,
tangida, lá do Poente, ás mãos roxas, em sangue,
antes postas a orar pelas almas do Occaso,
algum poeta chinez vem desenhar no vaso
do céu, com tintas de ouro, entre claros-escuros
de Murillo e Rembrandt, dois olhos grandes, purcos
e negros como a Noite e tristes como o Mar...

Baixae-lhes, Visnú-Brahma, o baptismo do Luar!

E a glorificação da Noite alta se estende
com pallios immortaes. O céu mirífico esplen'le
de amethystas e soes, pedras e plenilunios.
Chora a nave dos céos, a alma dos Infortunios.
E eu só, contigo a sós, ó visão atra e enferma,
ouço, no meu violino, a alma de Schumann erma...

Elza não virá mais! Oh! pode a dura geada
eterna, enregelar-me á beira de uma estrada
e me deixar assim, tão branco como o linho,
como um trapço de neve, á margem do caminho,
como um pedaço de aza immacula, sonora,
partida na amplidão, rumo do azul, em fóra!

E eu só, contigo a sós! (Escuta o meu violino...
O' alma de Schumann, dorme! E muito ao longe um sino
plange dentro da noite hybernal. O granizo
desce, amortalha minh'alma..) Elza, meu paraizo,
meu desgraçado amor, que frio anda lá fóra!
Quando se ha de queimar a fogueira da aurora?

E eu só, contigo a sós, ó visão que me espanta,
sinto bem não sei que, que me prende e me encanta,
á belleza fatal dos teus olhos profundos,
onde baila a minha alma, entre abysmos e mundos,
onde baila esse amor, esse encanto, essa graça,
essa fascinação, que foi minha desgraça...

Lá fóra, o vento passa a uivar na minha porta,
E a alma do furacão, numa cidade morta
a uivar, a soluçar, é triste, é muito triste!
Quem ha que a este pavor resista? Alma, resiste
e vamos. Vem! Sorri-me a minha unica lareira
á peregrinação de um existencia inteira...

(E a noite densa, completa, adormece lentamente
com badalar de sinos ermos e violinos sonoros...)

Agenor Barboza

10
31

c. 1716-008



Notas de reportagem



Dr. Leon Rossoulières, director da Imprensa Oficial e 1.º tenente Theophilo Brant, da Marinha Nacional

Pelo Inverno

(EVOCAÇÃO)

Cantam as gotas de agua, intensamente frias,
muito brancas, tranquillias,
balladas allemãs, nocturnos, elegias,
pelos vasos de argilla...

Na agua-tinta cinzenta do meu sonho,
vêm descendo em ruinas
uns pedaços de ceo claro e risonho
de paragens desertas
—versos brancos das almas das campinas
innundadas de sol e de flores abertas...

Cantam...E os meus serros nataes,
vagos, a se diluïrem nas distancias,
reduzem-me a vizão das noites hybernaes
a saudades e ancias...

Serros...Serros azues da minha terra,
no velludo sonoro das paizagens,
fallando á multidão das arvores da serra
como velhas imagens...

(E aquarellas escuras
são caprichosamente desenhadas
na sombra, recortando illuminuras
e recantos sombrios das estradas...)

Estradas, na hora propicia dos poentes,
em penumbras de ceos primaveris,
embaladas nas harpas indolentes
da canção aromal des bogaris...

Estradas somnolentas de cidade
onde florescem violas a cantar,
e brotam, pelas aras da Saudade,
os jasmis do luar...

(Na varanda do Sonho, debruçado,
eu vou revendo todo o meu passado
pelas horas inteiras...
Choram intensamente as gotas de agua,
com sonidos agonicos de magua
das pobres trepadeiras...)

Sangra, ao morno subtil dos corredores
entre os aculeos bravos
a alma sentimental dos velhos sonhadores
em papoulas e cravos...)

E o granizo, numa *pochade* baça,
vae bordando uma casa muito branca
e caiada de novo,
na vidraça...
...Entra a luz matinal...a entrada é franca
e hospitaleiro o povo...

Podeis entrar. E' a casa do meu velho
que se distingue logo entre as demais,
vamos!...

(...e a bruma desce, no evangelho,
das mysteriosas noites hybernaes...)

Agenor Barbosa

—Aquelle que vae tomar o bond não é o Achylles?

—E' elle mesmo. Olha, lá vae tambem a senhora. Ah! e a sogra tambem.

—Aquella gorducha é que é a sogra delle?

—E'.

—O Achylles está magro.

—Chegaram ha dias da Europa.

Elle enjoou muito na viagem.

—Então a pipa da sogra não deve enjoar. Com tamanho corpo! Arre.

—Não: ella não enjoa nada. Disse hontem o Achylles que quando a sogra embarca é o mar que enjoa.

—O teu irmão padre tem algum beneficio?

—Não.

—Então, em que se occupa?

—De manhã diz missa...

—E de tarde?

—De tarde, não sabe o que diz.

7
30

SONETO

Era minha ambição, pelas estradas
que assim vou palmilhando, hoje sosinho,
ir, contigo, filhinha, de mãos dadas,
todo envolvido pelo teu carinho.

Volto de horas de febre já passadas
estupefacto, tremulo, velhinho,
vendo a juncar-me as illusões quebradas,
toda a larga extensão do meu caminho.

Triste, esboroado o sonho no meu peito,
hei de seguir somnambulo, chorando,
transfiguracao, pallido, desfeito,

para a Ventura que não conheci...
para onde vejo, eterna, me acenando,
toda a esperança, toda, que eu perdi !...

Agencor Barboza

Aspiração da pedra

PARA DA COSTA E SILVA

A visão do não ser é a Glória -- o sonho grande
 Dos heroes... E' a Ilusão -- Glória da Vida, em summa...
 E' a alma virgem da pedra a sonhar que se expande
 Em regia copa no ar, e o embalsama e o perfuma.

E porque isto, afinal, bem o prova o Inconsciente,
 De onde a ida para o Sonho é uma passada igual,
 Excuse trabalhar tanto, intellectualmente,
 Só para comprehender o anocio mineral.

A pedra tambem sonha. O corpo bruto acorda
 E surprehenda a visão que o anima e acaricia...
 A' mente visionaria esta illusão recorda
 A estrella que foi sol, a noite que era dia...

Sonha : e paira no céu de chumbo e de cobalto
 Do pessimismo atroz da rocha ennegrecida,
 A scintilha de luz que lhe abre as portas do alto,
 Como a um encarcerado, a liberdade e a vida.

E pensa, logo existe. Aquillo que não era
 Ser, deixou de o não ser e interiormente, a sós,
 No bem que aspira ter, do Inverno à Primavera,
 Da Glória á Obscuridade, exulta, como nós...

Alma, -- Imaginação, bem dita sejas!... -- brota
 A extranha concepção que a luz do Sol baptisa...
 Protoplasma do Ser, que, sem ti, luz ignota,
 Evolve para o mal dum fim que não divisa...

Bem dita sejas, Luz!... -- e a pedra rola e desce...
 Mal suspensa do abysso, a pedra sonhadora,
 Sonha -- trigo que o Sol fecunda e reverdece,
 A transubstanciação dessa alma em seara loura.

Trigo e pão, pão e ar... Anicia nobre e exquesita!
 Anhele, aspiração desse halito vital:
 Vem da continuidade -- a genese infinita,
 E da lucta no ambiente -- o espasmo germinal.

Si a reabilitação da Vida se resume
 Nesse hausto procreator da flora genetriz,
 Quer que se lhe transforme o aroma que a perfume
 Em selva, em flor, em fructo, em caules, em raiz.

Ser arvore do pão. Levar os braços perto
 Do Sol, que ella bem diz e que nos abençoa.
 Viver e ser a Vida! E' um alto ideal, por certo
 Que da pedra o silencio intermino povoa

Chimera! A alma da pedra exul e desterrada,
 Desprendida do Sonho, a alma da pedra exul,
 Chora a alta aspiração anodyna, irsada,
 Manando agua a dormir, num fakirismo azul.

Comtudo, a pedra sonha. E do ignorado canto
 Da sua obscuridade, humillima criação,
 A pedra é aspiração do ser, ter alma, emquanto
 Pulse dentro de tudo uma alma e um coração.

Agenor Barbosa



Sonho dantesco

*A Guerra!.. Todo o horror das batalhas sem termo
aclara, pela bocca escura do canhões,
a atroz desolação de um Continente ermo,
o Crime a tripudiar sobre Legislações!..*

*E o Imperador sublime, o visionario enfermo,
sonha ver tremular, entre fulgurações,
nas praças de Paris, a Águia, feita estafermo,
heroica, a afugentar o bando das Nações!*

*E a fogueira fatal, que extermina e que desce
Ao nivel primitivo e illumina, até ao fundo,
dores e provações, glórias de toda a especie,*

*não conseguiu levar o coração oíundo
de uma raça de heroes, a ver o que merece
a ambição genetriz do holocausto de um Mundo!..*

Agenor Barbosa

*A "União Paulista" paga sorteios de 1 a
20 contos de réis, integralmente. Agencia, Ave-
nida Silviano Brandão, 848.*

FUMEM BAUNILHA O melhor cigarro
Fabrico especial de Filhos Piana.

Inverno...

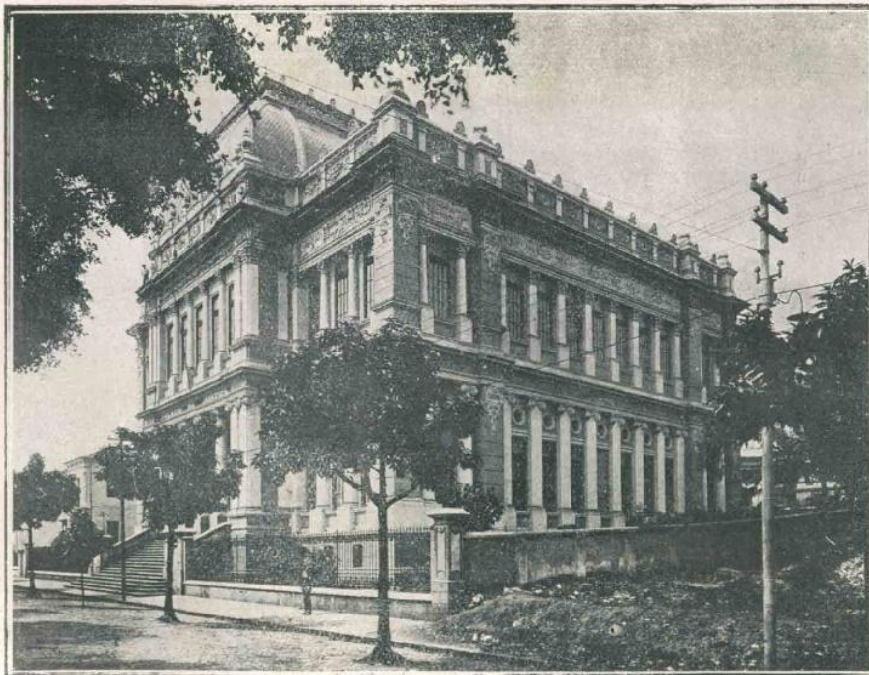
Cá nas minhas profundezas espirituaes é essa
mesma frialdade que por esse dia baço desperta
tanta insociabilidade nos outros, nesses que se aven-
turam por essas ruas, fugindo, encolhidos, mu-
dos... Embuçamentos risca na sombra, e desappa-
recem... E as vidraças das casas, escuras, não re-
flectem intimidades aconchegadas ao enlevo de si
mesmo... A noite vem, as luzes pallidejam num
fio de agravo aos que tacteam na escuridade das
mansardas, gelados, até aluir na palha humida, a
desfallecer na derrocada dum sonho mau, ao som-
no que pesa, estremunhadamente...

Emoções calmas, zurzinadas phantasticas...

-Hoje havemos de deitar cedo, maridinho,
heim?

E eu que me esquecia que sou casado ha dois
dias?

O GOVERNO BUENO BRANDÃO



Palacio da Justiça

C. 14/C-004



DE ICARO ...

(AD ME IPSUM...)

Meu desejo de Gloria e meu Orgulho! Quando
 Tu vos sentir quebrar em meio da amplidão...
 E de face risonha e de interior chorando
 Renunciar ao meu Senho, á Gloria, á Perfeição...

Quando vier o momento em que, te proclamando,
 Tu te sintas morrer, minha santa Ambição...
 E crendo vivo o meu Orgulho venerando
 Sentir que elle falhou dentro do coração...

Quando tudo for pó, tudo for ruínas,
 Meu Senho, meu Porvir, esse Ideal que alimento
 Este Amor, esta cruz que arrasto nos meus dias...

Quando tudo for pó, sem soltar um lamento,
 Tombarei como o Sol, cego de pedrarias,
 Bemâizendo o meu Senho, á luz do firmamento!

Um soneto

de

Agenor Barbosa



12
 24

Saudade...

Saudade... Como a tarde, vae morrendo
tua lembrança dentro da minha alma...
Vaes lento e lento... desaparecendo...
Como na tarde, a voz pausada e calma
da carrilhana de algum burgo antigo...

Ao crepusculo, pallido, cantando
tua memoria dolorosa, sigo
como um velhinho antigo... recordando...

Saudade... Olhar perdido... alma perdida...
Olhar que si olha a estrada percorrida
só vê desilusões pelas estradas...

Oiro e nevoa irial das caminhadas...
Motivo emocional da minha Vida...

Como a blasphemia de uma queixa humana
chorando pela minha mocidade,
ouço cantar a velha carrilhana
dentro da tarde immensa e religiosa...
lá longe... na distancia dolorosa
do burgo do Passado e da Saudade...

Saudade... Stradivarius indolente
surdinando Chopin, como um segredo...
A tarde morre... Commovidamente
olho o orvalho chorando no arvoredado...

A' sahida do feretro do Dia
vão-se acendendo estrellas lento... lento...
Numa piedosa e triste romaria,
a Noite chega pelo firmamento...

Plange um sino lá longe... plange um sino
lá longe, na distancia, ermo e pausado...
Saudade... mãe velhinha do Destino,
conta a historia de dor do meu Passado...

Saudade... Caravellas alvejantes
sonhando portos... monumentos... caes...
Velas de Sonho sobre o mar, errantes...
velas que partem... que não voltam mais!

Azas que lá se vão no ceo nevoento...
Gritos... desesperados rythmos de ancias
que as azas levam para o vento... e o vento
espalha no azulado das Distancias...

... Vaes lento e lento desaparecendo...
Como, na tarde, a voz pausada e calma
da carrilhana de algum burgo antigo...

Agenor Barbosa

ULTIMAS PEDRARIAS...

(Óiro acceso para os teus olhos, na hora litúrgica do Poente...)

(LEGENDA EM CINZA...)

*O tú, que és esplendor!
Que viveste em Volúpia e morreste no Amor
Dos poentes tristes, dos poentes emocionaes...*

*Alma de algum violino esquecido... de outrora...
O' luz, que sob o azul dos divinos rosaes,
encheste a solidão dessa tarde sonora,
com um longínquo rumor de tambores marciaes,
com rhapsodias de soes e rubis immortaes,
pedrarias de sangue e esmeraldas de aurora!*

*(Vieram do Poente, à hora da tarde, as mãos do Outomno
e desfolharam sem piedade os meus rosaes...)*

*A cidade adormece, aureolada de sinos...
O' mez de maio, mez das torres, dos sineiros...
Que tristeza na tarde irreal... O' peregrinos!
Quem vos leva à Chanaan de todos os Destinos,
deslumbrados, também, no nó dos caminheiros!*

*Sou também, Peregrino... Esboroou-se a Babel!
erguida lá, no azul, lá longe... no meu Sonho...*

*— Alma divina! — canto. E às almenaras de oiro
da torre do Silêncio, a voz cava e sôurna,
echoa... E ao scintillar do esplendido thesoiro,
chovem magnolias sob o azul, no poente loiro,
soluça pela sombra a viração nocturna...*

*— O' nuvens de rubis! Sob que ceos de lenda,
sob que extranho azul immortal e profundo,
deu-vos o colorista a bizarra legenda,
em que, de olhar absorto, a minh'alma desvenda
o sangue dos Heroes derramado no Mundo!*

*Canto. E á sombra lethal dos alamos presagos,
pela velha canção dos sinos ermos, canta
o hymno litúrgico das piscinas e lagos,
a grande dor sem-fim desses teus olhos vagos,
ô minha Aurora boreal, que me allucina e encanta...*

*No oiro velho do Outomno, um bronze antigo canta:
— Gloria á sombra de luz dos extinctos Paraísos!
A toda cinza em flor que anda nos meus sorrisos,
a rogar, a pedir, pela alma dos Peregrinos
transviados no horror da Babel dos Destinos!*

*A tristeza amortalha o meio ambiente e passa...
E passando, no olhar vago e absorto da tarde,
semelha a maldição que a Tortura e a Desgraça
andou a derramar na volúpia da taça
da Noite e feita incenso, em rolo, aos gyros, arde...*

*E eu canto... E o meu olhar é uma paisagem triste...
(Na ara branca ardem as ultimas pedrarias...)
E um violino o silencio emocional accorda...*

*Reza no Poente, onde, num dia, te sumiste
toda a saudade da memoria que recorda...*

AGENOR BARBOSA